

Tayse Argôlo

Envelhecer

quatro histórias de vidas em asilos

ARGÔLO, Tayse

**Envelhecer: Quatro histórias de vidas em asilos / Tayse Argôlo: 2014. 88p.
Orientadora: Profª Drª Malu Fontes**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com Habilitação em
Jornalismo) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia,
2014.**

1. Perfil 2. Jornalismo Literário 3. Idoso 4.Asilo 5.História de vida

Sumário

<u>Asilo não é opção</u>	<u>07</u>
<u>Carlos</u>	<u>16</u>
<u>Cecília</u>	<u>36</u>
<u>Valdivino</u>	<u>56</u>
<u>Raimunda</u>	<u>76</u>

Aos meus avós.

Um dia você vai envelhecer, se tiver sorte você vai envelhecer.

Álvaro - personagem de FIM

Alguém certa vez disse que as histórias só ocorrem com aqueles que são capazes de contá-las. Do mesmo modo, quem sabe, as experiências se apresentam àqueles que são capazes de vivê-las.

Paul Auster - escritor norte-americano

Asilo não é opção

A primeira vez em que pus os pés em um asilo foi quando tinha nove anos. Antes disso, quando o Brasil tinha cerca de 15 milhões de idosos, segundo o Censo de 2000, convivi diariamente com apenas dois deles, meus avós. 2000 foi também o último ano em que eu praticamente morei com eles. Por quase uma década, enquanto meus pais trabalhavam, eu passava os dias na casa dos meus avós. Sentávamos lado a lado na mesa durante os almoços e jantares, pois minha mãe só me buscava à noite, para que eu dormisse em casa. Meu avô fazia parte da estatística dos idosos que são responsáveis pelos domicílios no país, ou seja, após os 60 anos, quando passou a ser considerado idoso pelo atual Estatuto do Idoso, ele era a pessoa indicada por minha avó e por ele próprio como a referência do domicílio e da família. Em outros tempos, o termo usado era chefe da família.

Naquela época, pouco mais de 1,6 milhão dos idosos brasileiros viviam como os meus avós, morando sozinhos. Em uma pesquisa sobre o tema, no ano passado, esse número subiu para 2,8 milhões, aproximadamente. Não foi o único dado que se modificou. Nos índices totais divulgados em 2013, meus avós, se vivos, fariam parte do contingente que totalizava mais de 23 milhões de idosos.

Meu avô despediu-se da vida aos 87 anos. Minha avó já havia morrido um ano antes, aos 73. Ele ultrapassou em muitos aniversários a expectativa de vida que temos hoje. Ela tentou se aproximar dos de-

sejados 75, mas faleceu antes. Podemos esperar que as pessoas vivam por mais de sete décadas, pois a medicina que cura as doenças e previne enfermidades, avançou. Junto com ela também se expandiu o conhecimento sobre qualidade de vida e hábitos saudáveis. Espera-se que as pessoas sejam idosas por 15 anos ou mais, mas o que exatamente espera-se que elas façam com esses números adicionados à vida?

Minha avó fazia crochê e tricô enquanto meu avô cochilava. Também vendia bijuterias e era voluntária num Centro Espírita. Se tivesse dinheiro para pagar as aulas de hidroginástica na escola do bairro, provavelmente seria personagem de alguma matéria televisiva sobre pessoas da terceira idade que mantêm uma rotina ativa após a aposentadoria. Diferentemente dela, alguns de seus amigos da mesma faixa etária mudaram-se para a casa dos filhos e ocupavam seus dias na tentativa de participar ativamente da vida destes. E os idosos que não moravam em suas casas nem com os filhos? Os idosos que fui apresentada quando tinha nove anos, morando todos na mesma casa, dividindo quartos, sem privacidade. O que esperavam que eles fizessem com os anos que lhes restavam?

Na maioria das reportagens que li sobre a vida depois dos 60, os textos se repetiam em uma comemoração explícita pelo aumento do número de idosos que não abriam mão de sua independência e preferiam ter uma casa só para eles. Os idosos que não seguem essa tendência e moram com parentes têm menos destaque e os que não se enquadram em nenhuma das duas situações dificilmente aparecem. Se não respondem pelo seu domicílio ou vivem na casa dos outros, onde estão? São aqueles que não têm um lar e vivem em algum dos milhares de asilos do Brasil.

Em 2011, o número exato desses domicílios coletivos ou IL-PIs (Instituições de Longa Permanência para Idosos) era 3.548. Desse número, os asilos públicos são uma faixa pequena, correspondente a 6,6% do total. As casas para quem pode pagar mensalidade são 28,2% e as filantrópicas, que contam com pouco ou nenhum apoio do poder público, completam a porcentagem, sendo a maioria: 65,2%. São cerca de 83 mil idosos que vivem asilados no Brasil. Dos que estavam ao meu alcance, escolhi conhecer alguns que ocupam os tipos de lares em maior número nas estatísticas: idosos que vivem em asilos filantrópicos.

Meu interesse pelos senhores de fala lenta e passos demorados, bem como pelas senhoras cujos cabelos ralos e esbranquiçados muitas vezes custam a alcançar a altura abaixo dos ombros é pessoal. Nasceu do interesse pelo envelhecimento de quem eu amava e acompanhei em cada dor, diminuição dos movimentos e embaralhamento da memória. Os idosos que busquei não viviam como os meus viveram. Eles têm sua independência restringida, seu mundo reduzido a uma casa que jamais ocupará o significado de lar, por melhor que seja.

Eles moram em asilos. Quando têm algum dinheiro, como aposentadoria ou pensão, destinam essa renda para pagar uma parte dos custos da moradia. Se não ganham nada, são tratados da mesma forma, porque não precisam pagar para estar ali. A filosofia dos dois lugares que visitei é a de acolher as pessoas em piores situações, idosos que precisam de cuidados e não têm quem os assista, assim como aqueles considerados em situação de vulnerabilidade social, que não têm um lugar para morar e tampouco fonte de recursos financeiros para suprir suas necessidades básicas, como a alimentação. Esses são sempre os que têm preferência por uma vaga.

Foi isso que vi em minhas visitas. As pessoas com quem passei meus dias não escolheram dividir quarto com estranhos ou abrir mão da sua liberdade e privacidade por uma vida coletiva. As casas que abrigam velhos não foram a melhor opção que surgiu para os que estão ali. Eles tiveram essa escolha feita por outros. Eles estão ali porque, na maior parte das vezes, não se incluem no grupo que pode custear uma vida confortável para si, com todos os benefícios dos avanços tecnológicos disponíveis, inclusão digital para uso de computadores e outros aparelhos são um exemplo. Não podem pagar cuidadores, enfermeiros, remédios e aí por diante. Asilos não são uma opção. Na maioria das vezes são a única alternativa de sobrevivência.

Quando procurei essas pessoas não criei uma imagem clara do que poderia encontrar. O que eu sabia, era que estava buscando histórias de vida. Talvez estivesse buscando parte da minha infância na velhice de outros. Talvez tentasse reviver aquele momento em que me sentava ao lado dos meus velhos e ouvia com surpresa o que eles já tinham conhecido e experimentado do mundo do qual eu pouco sabia. Foram essas histórias que me impulsionaram a repetir minhas visitas até que minha presença se tornasse comum e a expressão dos moradores, ao me ver, fosse de reconhecimento. Foram as narrativas que me fizeram entender como aquelas pessoas haviam chegado aos asilos. Eu só poderia entender porque eles estavam solitários e carentes da presença de parentes se conhecesse suas vidas desde o início.

As histórias que estão nesse livro são uma metonímia de todas que encontrei nos últimos meses. Para realizar meu objetivo de relatar histórias de vida fui obrigada a encontrar quem pudesse me contá-las e, quando o assunto é velhice, isso significa escolher as pessoas com mais lucidez e memória. Mesmo assim, carrego ainda o sentimento de

vazio por ter deixado de fora Dona Judite, que no auge de seus 101 anos me contou que preservara sua virgindade até aquele momento por Deus ter escondido todos os homens dela. Bem como Vanda, que, em sua cadeira de rodas, sorriu ao lembrar o tempo de sua vida em que abriu mão de si, dos seus sonhos para o futuro, para cuidar dos pais enfermos e do filho adotivo que lhe arranjaram; ou ainda Humberto, que durante nossa conversa na sala de TV, acreditou que eu fosse uma visitante em seu escritório de arquitetura e avisou-me que não poderia demorar no papo, pois havia muitos projetos incompletos esperando por ele. Esses são alguns entre tantos outros que me retribuíram o sorriso ou resmungaram em voz baixa e me ignoraram. Todos foram essenciais para que eu me aproximasse das vidas que buscava entender e pudesse sentir de algum modo a realidade que se vive quando as opções se esgotam.

Os textos que seguem foram construídos a partir de conversas com os idosos e com quem os conheceu já dentro dos asilos. A forma como eu os chamo nos perfis difere entre si por alguns motivos. Raimunda foi a primeira idosa que entrevistei e ainda não me sentia à vontade para tratá-la pelo primeiro nome, por isso sempre a chamei de Dona Raimunda. Quando entrevistei Cecília já me senti mais à vontade para tratá-la por você, ao invés de senhora, e ela nunca se queixou dessa tentativa de aproximação. Quanto a Carlos, todos no asilo o chamavam por Seu Carlos, mesmo quem o conhecia há mais de dez anos referia-se a ele dessa forma, parecia um nome composto pelo modo como falavam e por isso decidi escrever assim, com letra maiúscula. Já Valdivino sempre foi apenas Valdivino, além de ser como todos o chamavam, considerei que o nome já era forte o suficiente para aceitar pronomes de tratamento. Todos me autorizaram a gravar suas palavras e escrevê-las posteriormente para que os leitores desse livro pudessem

ler. Transformar essas histórias em livro, para mim, é como produzir uma lembrança física para que Raimunda, Carlos, Cecília e Valdivino continuem vivos mesmo depois que suas camas estiverem vazias.

A título de preservação da privacidade de familiares e parentes vivos, citados pelos personagens do livro, seus nomes foram substituídos por pseudônimos. Uma vez que não entrei em contato com todos os que foram mencionados, pois o curto tempo para a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso não me permitiria ter acesso a todas as fontes, e tampouco era essa a minha intenção ao produzir os perfis. Seguem abaixo os pseudônimos usados e a relação entre os perfilados e os que foram citados:

Dona Pureza: amiga de Cecília que a acolheu em sua casa antes de levá-la para a Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes.

Jaci e Augusto: filhos de Carlos e Marina.

Jayne: filha de Raimunda.

Marina: ex-mulher de Carlos. Apesar deles não terem se casado, ela foi a mulher com quem ele viveu por mais tempo e, por isso, considera-a como sua ex-mulher.

Marlise e Venâncio: filhos de Valdivino.

Mercedes: moradora do asilo que dividia quarto com Raimunda.

Naomi e Roberto: netos de Raimunda.



Carlos, 77

Carlos, 77

Na Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, em Lauro de Freitas, no bairro do Caji, a separação dos moradores pelo sexo se traduz no espaço físico pela divisão de andares. No térreo, ficam os homens, que hoje somam 47, e no primeiro andar estão as mulheres, 38 idosas. O caminho para o asilo, a partir da Estrada do Coco, sentido Salvador, inclui algumas curvas e retornos em vias marginais até que se chegue ao início da extensa rua que leva ao Loteamento Quinta do Picuaia, endereço da Casa de Caridade. Realizei muitas das minhas idas ao local no meio do ano, período em que as chuvas são mais fortes, e como consequência parte da rota pouco asfaltada dava espaço para o barro, formando um lamaçal no terreno irregular e cheio de buracos.

Para quem visita o asilo pela primeira vez, o portão de ferro, pintado de verde, com mais de dois metros de comprimento e altura, é o melhor referencial da fachada. Ao lado deste portão que permite o acesso para carros, há uma passagem mais estreita para pedestres e a guarita. Poderia ser a entrada de um centro espírita, pois a placa com o nome do local, que homenageia o médico e expoente da Doutrina Espírita, não dá pistas aos passantes do que há atrás daqueles muros. Ainda à porta, ao lado do nome, as fotos de Jesus Cristo e de Bezerra de Menezes acompanham a frase que traz um pouco do conforto que o lar oferece à quem o procura: não desanimes, não esmoreças, não desistas. Estaremos sempre juntos.

A entrada fica no meio da descida de uma ladeira, ao lado direito de quem segue em direção ao Caji, bairro que eu só conhecia pelo nome citado em conversas com amigos que moram em Lauro de Freitas e consideram o local perigoso. Nunca presenciei nenhuma situação que corroborasse à fama do lugar, mas admito que o caminho para o asilo é deserto em alguns trechos, além da casa ser realmente afastada da agitação comercial do centro da cidade. A inclinação que parece sutil do lado de fora, se revela bastante acentuada quando o visitante atravessa o portão, pois a única parte que aparentemente foi terraplanada é o caminho cimentado, com largura suficiente para a passagem de dois carros lado a lado, que se estende pelo meio do terreno e leva à entrada principal da casa, no primeiro andar. O declive do terreno de 7 200 metros quadrados é importante para entender a estrutura dessa casa, algo inicialmente confuso de explicar para quem não a conhece.

Durante as minhas primeiras visitas não me dei conta do significado subjetivo que as divisões de espaços possuem para os moradores. Visivelmente, a área construída ocupa pouco menos que a metade dos milhares de metros quadrados. Ao entrar no local, percebi que do meu lado esquerdo estendia-se uma grande rampa cimentada, que obedecia a descida do relevo, e levava a uma varanda, de onde pouco mais de dez idosos me observavam. À minha frente, o caminho plano, também de cimento, se prolongava até outra entrada para a casa, também a esquerda. Quando pensei em descer a rampa, em direção aos moradores que estavam no que poderia ser chamado de térreo - uma vez que o patamar onde se encontravam não estava sob o solo, para ser chamado como tal - o porteiro que me recebeu, gritou que eu deveria seguir em frente e entrar na casa pela parte que chamarei de primeiro andar.

A porta do primeiro andar, onde moram as mulheres, é considerada a entrada principal da casa, pois dá acesso à secretaria e à administração do asilo. Em outras palavras, todas as atividades administrativas se concentram neste andar e as pessoas, que vão lá pela primeira vez, devem passar por ele para que suas visitas sejam autorizadas pelos funcionários do local. Dessa forma, ir primeiro ao térreo, o pavimento dos homens, é como entrar em uma residência pela porta dos fundos, sem passar pela sala de visitas. Por isso, a maior parte das pessoas que visitam o local, sem o compromisso de ver e conversar com algum amigo ou parente, cumprem o ritual mais comum. Entram pela entrada principal e seguem pelo largo corredor até a sala de convivência das mulheres. Raramente descem ao térreo, para oferecer companhia e carinho aos idosos. Da varanda eles veem tudo. Acompanham o movimento de chegada e saída dos voluntários, familiares, funcionários. É de longe que observam os muitos visitantes que dificilmente dobram a esquerda, após cruzarem o portão, e chegam para sentar ao lado deles.

Na primeira vez que fui à ala masculina, Sheila foi quem me levou. De cargo, ela responde por auxiliar administrativa da casa, mas é muito mais que isso. Sua mãe dedicou mais de quinze anos de trabalho aos idosos da instituição e ela já vai pelo mesmo caminho. Aos 23 anos de idade, aquele era o seu mundo desde que conseguia se lembrar. Em outro encontro futuro, Sheila me contaria suas opiniões sobre como considerava que os “vós” tornaram-se mais fechados e lacônicos por serem preteridos pelas visitas e pela realização de atividades voluntárias no asilo. Mas naquele dia, ela apenas me mostrou o caminho para as escadas que levavam à sala de convivência dos homens. Aparentemente, era igual em tamanho à sala das mulheres, mas o movimento era muito menor. Na verdade, havia apenas um senhor ali. Os outros idosos estavam em seus quartos ou na varanda, mas ela me assegurou que

eles também gostavam de ficar na sala. Era onde faziam as refeições e assistiam TV.

Decidi começar pela varanda, que já vira de longe. Meu boa tarde foi respondido por alguns, balbuciado por outros e serviu de despertador para os sonolentos. Havia quase vinte idosos sentados em semicírculo. A maior parte em cadeiras de rodas, usando fraldas. O cheiro, mesmo ali onde era um cômodo aberto e razoavelmente ventilado, não era dos melhores. Sentei-me em uma cadeira vazia. O senhor ao meu lado acenava para mim como quem reencontra um conhecido. Seus olhos ficavam estreitos no alto das bochechas que se elevavam devido aos lábios esticados em um sorriso sem dentes.

Passsei os olhos pelos meus vizinhos daquela tarde e parei nele. Estava sentado em uma cadeira de plástico, sem camisa, a pele negra exposta. Me pareceu jovem para estar em um asilo. Considerei que essa deveria ser uma impressão equivocada, possivelmente, apenas uma consequência da maior quantidade de melanina que o protegia dos raios solares e consequente envelhecimento da pele. Mesmo com a perna envolta em uma meia elástica creme, daquelas usadas por quem tem problemas de circulação, ele não parecia precisar de qualquer ajuda para caminhar. A imagem era de um homem firme, apesar da fala um pouco embolada pela rapidez com que proferia as palavras.

Não nos falamos muito naquele dia. Ele disse que eu parecia com a neta do senhor que estava sentado à nossa frente, com um boné azul. Na hora do lanche, este senhor foi um dos que precisaram de ajuda para comer a banana. Foi ele quem ajudou. Mais pró-ativo que as enfermeiras, não comeu, mas tirou as cascas para os que não conseguiam e entregou a fruta na mão de cada um. Depois catou os restos e

limpou os que se sujaram. Não era um deles, foi o que pensei. Deve ser um amigo. O traje era casual demais para trabalhar ali. Se fosse funcionário talvez estivesse afastado por causa da perna, mas mesmo assim visitava a casa para ajudar no que era preciso.

Quando fui embora o sol já havia se despedido. O céu começava a escurecer, e foi ele quem abriu o portão para liberar minha saída. Andava com certa dificuldade para não dobrar o joelho esquerdo ou depositar peso demais naquele pé. Estava assumindo o turno da noite na portaria, não se encaixava na minha busca por personagens. Dei boa noite e segui para casa repassando mentalmente as conversas do dia, com três ou quatro idosos, e nenhuma pareceu promissora.

*

Quando retornei, alguns dias depois, pedi a Sheila que me indicasse alguém com quem conversar. Ela conhecia todos ali e me disse que “seu” Carlos era quem estava na casa há mais tempo. Havia chegado em 2000, quando os idosos ainda eram abrigados em Itinga, na casa de Reinaldo, o fundador do asilo, pois a obra da casa onde estávamos, no Caji, só foi entregue em 2007. Ela me acompanhou até o quarto desse senhor. Eu estava esperançosa que aquele dia fosse mais proveitoso, perdida nos meus pensamentos, quase passei adiante quando Sheila parou na porta dele. Estava sentado em uma das duas camas que se apertavam no cômodo. Com a perna esquerda sobre a cadeira, usando duas meias de contenção, uma sobre a outra, assistia à TV na sua frente, distraído.

Sheila me apresentou a Seu Carlos, como decidi chamá-lo, com maiúscula e tudo, pois era como todos se referiam a ele, ao ponto de parecer mais um nome composto que um uso coloquial de senhor como pronome de tratamento. Fomos apresentados, mas já nos conhecía-

mos, e ele se lembrou de mim. Comentou, novamente, como eu tinha aparência semelhante à neta de um dos idosos, ao mesmo tempo em que colocava a perna no chão e me oferecia a cadeira. Eu não quis atrapalhar o seu descanso, mas não havia muito mais espaço em que pudesse ficar. O quarto era pequeno, eu percorreria todo o espaço livre com três passos, sem dúvidas. Além das duas camas, dois armários cheios de gavetas dividiam os metros quadrados com uma TV, um ventilador e muitos pertences empilhados atrás da porta e nos pés das camas.

Carlos tem 77 anos e foi justamente a perna, ainda incômoda, que o colocou sob os cuidados de Reinaldo, há 14. Já estava internado há dois meses no Hospital Meandro de Faria, em Lauro de Freitas, quando recebeu alta e não tinha para onde ir. A situação financeira já não ia bem antes do internamento, pois as dores na perna o impediram de trabalhar. Foi a irmã de sua ex-mulher quem o levou para o centro médico ao perceber que a piora era grave demais para ser ignorada. Foi ela, também, quem conheceu Reinaldo e pediu um lugar para Carlos. Na casa em Itinga, onde ele foi recebido, os idosos ocupavam três quartos e ele foi acomodado no escritório.

– O senhor conheceu tudo desde o início, sabe praticamente a história toda do asilo, não é?

– Ah é, eu sou quase fundador disso aqui. - Ele me responde com graça, curvando o corpo para trás.

A conversa com Carlos corre fluida. Apesar da piada, logo percebo que riso fácil ele não tem. É preciso prestar atenção em suas palavras para perceber o humor, pois ele fala sério, com um tom pesado. Depois que me dou conta que ele está sendo engraçado, não demora em me acompanhar no riso, mas cessa rápido.

Quando comento que ele deve conhecer todo mundo da casa, recebo como resposta o número de vezes que a esposa de Reinaldo esteve ali, bem como os filhos deles, um casal. São sempre a essas pessoas que Carlos se refere: os diretores e os funcionários. Para conseguir que ele me diga algo sobre os idosos, preciso ser específica, geralmente me referir a eles como os velhos. Velhos e velhas é como ele os chama. É o que são, de fato, mas o interessante é que ele não se inclui, se distancia. Mora com eles e vive como eles. Não há nada de pejorativo quando se refere aos velhos dessa forma. Pelo contrário, seus sentimentos são mais de carinho e zelo. Mesmo assim, a sensação que sempre tive é que ele não se sente como um deles, como um dos velhos. Essa ideia é possível de compreender quando se conhece a história de Carlos naquele lugar.

Quando chegou ao asilo, ele era como um faz tudo. Ajudava no que fosse preciso em relação aos idosos, desde dar comida para quem não conseguia segurar a colher até apoiá-los em pé durante o banho. Ele trabalhava em retribuição ao abrigo onde vivia. Quando a casa onde o conheci começou a ser construída, ele trazia cimento para a obra e fazia o que mais precisassem.

Ele me conta que apesar de estar mais confortável nas acomodações dessa casa nova, preferia a outra, pois era mais perto da rua. Por rua, se refere às vias principais de Lauro de Freitas, pois o endereço de hoje é bem mais distante e nem passa ônibus por perto. Isso faz diferença para Carlos, porque diferentemente da maior parte dos velhos, ele pode sair e retornar quando bem entender, mesmo que só costume ir aos seus passeios por Itapuã e Ipitanga quando é autorizado por alguém da diretoria e raramente durma fora. Não gosta de abusar e também não quer que lhe chamem atenção. Havia outros idosos que tinham passe livre como ele, mas hoje, é o único

na casa a usufruir desse direito. Como regra geral, os moradores só podem sair do asilo acompanhados por um familiar ou responsável.

“Eu era muito sem vergonha”

– A culpa foi minha, eu fui muito safado.

Ele estava me contando porque sua relação mais duradoura, de seis anos, não havia dado certo, quando assumiu a responsabilidade pelo fim dessa forma:

– Teve muita gente que me deu conselho, mas eu não quis ouvir conselho e deu no que deu.

No que deu, exatamente, eu não soube, mas acho que a declaração de safadeza basta para imaginar porque Marina não quis mais viver ao lado do mulherengo incurável. Antes dela, ele já havia deixado uma mulher no bairro de Águas Claras, em Salvador, onde morou nos anos em que trabalhou nas pedreiras. Para esta, Carlos perdeu até a casa. A namorada estava grávida quando ele resolveu trocar de ares, e para não assumir a paternidade da criança, planejou silenciosamente a mudança. Quando só faltava acertar os últimos detalhes da venda da casa que tinha em seu nome, a cunhada descobriu tudo e convenceu a irmã a obrigá-lo a encarregar-se dos deveres de pai através da justiça.

Carlos não só colocou seu nome na certidão de nascimento da menina, como teve que abrir mão da casa para que a filha tivesse alguma reserva financeira. Depois de acertadas as exigências legais, ele foi para Ipitanga e conseguiu trabalho em barracas de praia até mudar-se para Porto Seguro.

A ausência de determinação do tempo é uma constante nas histórias que Carlos me contou. Ele não lembra da sua idade em cada período ou há quanto tempo os fatos ocorreram. Tentar construir uma linha cronológica da sua vida é tarefa tão confusa que se insistisse, certamente, eu perderia detalhes importantes dos momentos que viveu. Alguns lugares, no entanto, parecem cenários incontestáveis para determinados acontecimentos, como a cidade de Porto Seguro, onde conheceu Marina.

Ela havia nascido lá e ele viajou ao sul da Bahia para trabalhar na barraca de praia do seu empregador na capital do estado. O homem tinha barracas nas duas cidades e convidou-o para descer um pouco mais no litoral baiano. Dos oito anos que passou na terra do descobrimento, teve muitas namoradas, mas foi com Marina que a coisa vingou por mais tempo. Viveram juntos, sem casamento, e tiveram dois filhos. Jaci e Augusto. Estes, diferentemente, da primeira filha de Carlos, tiveram uma figura conhecida a quem chamar de pai, mesmo que raramente contando com a presença física dele. Pouco depois do nascimento dos filhos, Carlos retornou para Salvador. Dividir cama com Marina não o impediu de passar noites fora de casa ou virar freguês de outros colchões. Por isso o relacionamento acabou. Tinha que acabar.

A mãe dela, ele ainda chama de sogra. Hoje as duas moram juntas, bem próximas ao atual endereço de Carlos. Com os filhos criados, Marina veio para Lauro de Freitas, ajudar a mãe a cuidar da barraca de praia que é dona, em Ipitanga. Mesmo assim, visitas no asilo ele não costuma receber. A última vez que viu os filhos, recém-chegados na maioridade, é uma data incerta. A ideia de que não os vê há muitos anos é refutada pela lembrança de uma visita de Augusto, no ano retrasado, quando o pai ficou doente. Hoje o filho está em Porto Seguro. Escolheu seguir a trilha do avô paterno, com quem vive, cuidando dos assuntos

importantes da fazenda que possuem, administrando funcionários e responsabilizando-se por todas as outras atividades que exigem confiança.

Jaci é quem desperta mais emoção na fala de Carlos. Com o tom vaidoso, consegue descrevê-la como uma negona “retada”, cabo verde, mais clara que ele “bobagem”, mas com o cabelo bonito, preto, enorme. Jaci puxou à mãe, que tem parentesco com índios. Mas as lembranças da menina não são só de orgulho. Da última vez que ela passou um tempo morando com a mãe, em Ipitanga, arranjou um namorado que não agradava em nada ao pai. Ele soube que o rapaz era metido com drogas, obrigou a filha a encerrar o relacionamento, mas ela não se interessou em obedecer. O aborrecimento e a teimosia resultaram em um pacto de silêncio entre os dois, que só voltaram a se falar quando a filha percebeu que o namoro não podia acabar em coisa boa e retornou para Porto Seguro. Ele pode dizer que a filha tem os traços da mãe, mas certamente carregou os genes da personalidade do pai, que gosta de se referir a ela, ironicamente, como nojentinha tirada a maluca. Mesmo assim, enche a boca para garantir que com ele, a menina fica mansa. Apesar da força das memórias, a sensação que se repete é que Carlos não os vê há muito tempo.

*

A história que ouvi é a vida de um mulherengo, um “faz tudo”, que nunca criou raízes e alimentou tanto amores quanto desencontros. O lugar onde viveu mais tempo, antes de chegar à casa de Reinaldo foi, provavelmente, Jequié, sua terra natal. Morou lá até os dez anos, em companhia da mãe, do pai e dos dois irmãos: a mais velha e o menino caçula. Do pai, não fez muita questão de falar. Dos irmãos, sabe onde estão e isso parece ser suficiente. A irmã se casou com um

japonês e foi morar em Jaguaquara. O irmão se deu bem em São Paulo e não pisou mais na Bahia. As lembranças que parecem mais próximas e sensíveis são as da mãe, que morreu quando ele ainda era moleque, com sete anos. Talvez, se a despedida materna não tivesse sido tão repentina, Carlos teria mais anos de história para contar em Jequié, pois foi essa perda que o fez desgostar do lugar. Depois que partiu, a casa do pai lhe recebia apenas para rápidas visitas, nunca mais que dois dias.

O motivo da morte ele não conhece. Lembra-se que ela era jovem, 38 anos, chefe de enfermagem no hospital de Jequié. Comeu bem na noite de Sexta-Feira Santa e amanheceu no hospital. Três ou quatro dias de uma agonia sem resposta, até o filho do meio ser avisado que não haveria mais saída para puxar diante da porta de casa, implorando para ser levado aonde ela fosse. A mãe falecera, e não podia mais conduzi-lo pela mão.

– Você era fascinado por sua mãe, não era?

Sinto-me fazendo uma pergunta idiota e retórica, mas só me dei conta disso depois. Como estava impressionada em vê-lo demonstrar tanta sensibilidade por alguém do seu passado, transformei em palavras o que deveria ter sido apenas uma constatação mental.

– Ah era, eu gostava muito...

A voz de Carlos some. Escuto o barulho do nariz puxando o ar com força para dentro, mas ainda demoro alguns instantes para perceber que ele está chorando. Na verdade, nenhuma lágrima chega a cair. Ele não volta a olhar na minha direção, mas quando vira para a TV em sua frente eu percebo os olhos vermelhos, marejados.

Assusto-me com esse momento. Ele está emocionado por algo que aconteceu há quase 70 anos. Sinto-me culpada. Seu

Carlos tem uma imagem dura, de homem que não costuma lidar com suas emoções. Ele foi tocando a vida com o que lhe aparecia. Namorou muitas mulheres e não construiu uma família estruturada para si. Seis anos foi o maior tempo que passou ao lado de alguém, e ainda era um tempo menor que o que viveu antes de conhecer o luto pela mãe. Estava diante de mim esse homem, que já viveu de tudo, e perdeu a voz ao falar do seu sentimento pela mãe.

Havia clareza e detalhes na maior parte das memórias que ele narrava sobre ela. Imaginei quanto disso também não haveria em seus pensamentos que ele não me revelaria. Como retomar uma conversa quando se chega a esse ponto? Ponto em que parece cruel insistir no assunto. Como não falar mais sobre isso e iniciar uma conversa leve? Jacira respondeu por mim. Uma mulher vestida toda de branco, com um jaleco por cima do traje, apareceu na porta com um animado boa tarde. Em uma metáfora, a voz de Jacira teria a força de um dia ensolarado, o que, infelizmente, não era o que se via pela janela e nem dentro daquele quarto.

– Boa tarde.

Eu respondi. Seu Carlos não pareceu que encontraria as palavras para retribuir a saudação.

– Já é boa tarde? Eu ainda nem comi. - Ela continuou entre risos.

– Então é bom dia. - Continuei a responder.

– Eu sou Jacira, você é assistente social?

– Não, eu sou estudante de jornalismo. - Foi a última resposta que precisei proferir.

Ela encerrou a conversa com um aceno afirmativo e foi embo-

ra. Talvez fosse só isso que a interessava: saber quem eu era. Seu Carlos permaneceu silencioso, sem levantar os olhos dos joelhos. Jacira me pareceu um assunto neutro.

– Ela é enfermeira?

– Não, é assistente de enfermagem, ela que toma conta aqui debaixo.

Do tempo de trabalho de Jacira na casa nossa conversa migrou para a chuva que não cansava de cair desde a hora que eu havia chegado, e depois retornou para a vida de outro funcionário. Seu Carlos estava tão disposto quanto eu a falar de assuntos que não tivessem nada a ver com ele. Elogiou o rapaz moreno e alto, que usava além do macacão branco, galochas para não cair ao lavar o piso dos corredores. Depois depositou sua atenção na magreza de André Marques, que era entrevistado no programa da manhã e sorria contente na TV à nossa frente. Foi a distração necessária para que sua voz recuperasse a altivez.

– Eu também não tinha esse corpão que eu tenho hoje não. Eu era magro, franzino. Minha roupa era 36, 38... Depois comecei a usar a casa dos 40 e cheguei aos 50.

“Se pudesse, eu viveria em uma fazenda”

Todos os dias em que visitei Carlos ele me falou sobre Piriguete com o entusiasmo de quem conta uma novidade. Depois de duas visitas eu já sabia que a gíria baiana, que serve até para nomear uma pequena lata de cerveja, era o apelido escolhido por ele para a cachorrinha

preta vira lata que havia encontrado na rua. Ela estava perambulando próxima a casa e cruzou o trajeto de Carlos quando ele voltava dos seus passeios por Itapuã. Com a saúde visivelmente debilitada, ele a levou para dentro do asilo escondida em uma caixa. Até se recuperar, a caixa no fundo do terreno foi tudo o que Piriguete conheceu. Carlos era o seu único companheiro, que roubava leite da cozinha para ela. Quando se recuperou, a pretinha ganhou espaço sem dificuldades. Alguns idosos até guardam os restos do almoço para servi-la. O salvador se orgulha em me dizer que divide sua comida com a cadela.

Foi no clima descontraído das conversas leves sobre as brincadeiras e os caprichos de Piriguete que voltamos a tocar nas lembranças da mãe. Ele estava contando-me como havia gostado de trabalhar com animais na juventude. Se pudesse escolher, viveria em uma fazenda, cuidando do gado e tirando leite das vacas antes de clarear o dia. Quando lhe perguntei como havia ido parar nessa vida da roça, respondeu-me rapidamente que, com a morte da mãe, ficou desgostoso de Jequié e quis ir embora de qualquer jeito.

A justificativa para a separação dos irmãos é baseada nesse sentimento de desprazer. Todos se desgostaram do local com a perda da matriarca e seguiram caminhos diferentes. O de Carlos foi na cola de três irmãos boiadeiros, montados em cavalos, que corriam o país atrás de gado. A parada do trio em Jequié tinha a finalidade de ir à procura dos bovinos brabos, que vivem no pasto, para vender tudo que pudessem tirar deles. O fim da vida dos animais era o sustento desses irmãos.

Carlos encantou-se por aquele ofício. Assim que conheceu os boiadeiros quis ser um deles. O destino lhe sorriu quando os irmãos foram despedir-se do moleque. Partiriam na manhã seguinte para a

fazenda de Alírio, em Ipiaú, onde seus serviços foram requisitados.

Durante a noite, Carlos arrumou uma trouxa com o pouco que lhe pareceu essencial e madrugou na porta dos futuros companheiros de estrada. Implorou para que o levasse com eles, faria tudo que precisassem. A oferta parecia tentadora demais para vir livre de problemas. Para averiguar, perguntaram se o pai sabia que seu filho do meio planejava virar homem longe dos olhos dele. A resposta estava ensaiada: “meu pai deixou eu ir embora. Ele está lá na oficina, querem ir ter com ele?”. Mentira pura, mas mentira bem contada. Se o pai havia deixado, não teriam confusão. Montaram o menino no cavalo e partiram antes do sol nascer.

Apenas 50 quilômetros separam Ipiaú de Jequié, mas para Carlos a vida na fazenda era em outro mundo que nada se assemelhava ao que ele deixara. Os irmãos o ensinaram a pegar gado no mato e, quando ele já estava familiarizado com a rotina nas terras de seu Alírio, o trio partiu para Minas Gerais. O chamaram, mas ele nem se sentiu tentado a aceitar o convite. Já tinha emprego naquelas terras. Ali era uma fazenda de gado com fábrica de manteiga e requeijão. O menino franzino cresceu tirando leite, montando burro e decorando a receita de preparo do queijo depois de tanto repeti-la. Lembra-se tão bem que a minha ignorância no assunto lhe surpreende.

– Você não sabe como é que faz requeijão? - Me pergunta como se fosse algo simples que eu poderia saber.

– Não, nunca fui muito em fazenda.

– Você separa o leite desnatado e o soro, o soro você coloca

para ferver em um tacho grande, aí quando ele começa a embolar, vira leite coalhado e você tem que esperar dar o ponto, o ponto para fazer o requeijão. É um tacho muito grande, dá trabalho, mas lá na fazenda tinham muitos funcionários para isso.

Outra coisa que ele me garantiu ter em grande quantidade pelas bandas de lá eram as mulheres que namorou. Tantas namoradas que fecha os olhos e joga o corpo para trás enquanto solta o riso produzido pela lembrança. Foi lá que virou homem e com 18 anos ganhou o mundo. Antes disso, voltou a ver o pai algumas vezes. Incentivado pelo dono da fazenda que queria conhecê-lo, viajaram para Jequié. Na primeira vez que pisaram na cidade natal a mentira foi desfeita. O pai estava louco sem saber do paradeiro do filho há meses. Quis brigar, bater, mas Alírio o defendeu. Justificou que só cedeu abrigo ao menino porque soube que havia o consentimento do responsável, mas se não era assim, ele retornaria sozinho para a fazenda. Foi a vez de Carlos estrebuchar. Com o seu velho não ficava. Se Alírio o deixasse ali, a fuga era certa.

O motivo da hostilidade com o pai eu nunca entendi totalmente. O homem era um assunto que ele fazia questão de não prolongar. Enquanto me contava sobre esse episódio, resmungou algo sobre ter sido muito maltratado pelo pai. Disse que, quando menino, comeu o diabo na mão dele, por isso não voltou a morar com ele, principalmente depois de ter conhecido outra vida na fazenda. Por fim, os adultos entraram em um acordo. Se o menino não queria permanecer ao lado do que sobrou de sua família, a fazenda de Alírio era a melhor opção de destino. Sem a convivência diária, a paz acompanhou a relação paterna nos anos em que Carlos permaneceu na cidade vizinha.

O mundo que Carlos ganhou com a maioria incluiu os mais variados cantos da Bahia. Foi pedreiro, namorador, vigia à noite das barracas de praia onde trabalhava durante o dia, pescador de fim de semana. Foi em uma saída de jangada pelas águas de Ipitanga, para a pescaria rotineira com os amigos, que Carlos machucou a perna. Já tinha idade suficiente para ter no corpo a debilidade resultante do acúmulo de vícios: a bebida e o cigarro. Não era mais nenhum garoto cujas feridas curam sem que nem se desse conta. Quando passou de jangada pelo rio e a perna prendeu em um arame farpado escondido entre as folhas da restinga, o sangue jorrou, como era de se esperar para um ferimento profundo, mas a dor equivalente a seriedade do corte ele não sentiu. A cerveja e o fumo do dia todo anestesiaram os sentidos e Carlos deu pouca atenção para aquilo.

Com o tempo, a cicatriz que se formou na perna parecia indicar que uma marca seria a única recordação do acidente. Até que a dor começou. O que por fora estava feio, mas aparentemente sarado, se deteriorava por dentro. A dor mudou o homem. Ele não conseguiu mais trabalhar. A atividade do corpo foi substituída por inércia e agonia. Nem os vícios ajudavam a amenizar o sofrimento. Sem emprego, acabou por ficar também sem dinheiro. Chegou ao ponto de catar as bitucas de cigarro que encontrava no chão para dar a primeira tragada do dia. Foi só quando a situação ficou crítica que a irmã de Marina, que ele ainda considera como sua cunhada, o socorreu e, em consequência, seu destino encontrou o do asilo. Foi onde Carlos fez sua morada dos últimos anos e teve a maior parte da ajuda que já recebeu na vida. Por conta dos visitantes que o conheceram na casa, a perna foi tratada por vários médicos e até passou por cirurgias. Para preservar o que lhe

sobrou da saúde, largou cigarro e bebida há mais de uma década. Mas sua situação é inconstante, entre melhoras e pioras, nunca mais foi o mesmo.

A distração dos dias de hoje, quando não se sente disposto para sair, é assistir à programação noturna da TV aberta, durante os turnos que cobre na portaria. Sua companheira fiel quando o céu escurece é Piriguete. Com o sol, os cachorros - que se resumem a pretinha e suas crias - ficam presos no canil nos limites do terreno. Quando a noite cai, eles conhecem a liberdade. Correm por toda a área de fora da casa e comem de tudo. Só a Piriguete é que tem frescura. Viciou em carne e levanta o focinho rejeitando as outras comidas. Se for pão, só serve sem o miolo. É dela que Carlos mais gosta. Diz que é tiradinha, sem vergonha, mas é dela seu afeto. Um dia me confidenciou o que sentia:

– É por causa desses cachorros que dá vontade de ficar aqui dentro (da casa), sem eles, não sei se eu ficava, não.



Cecília, 81

Cecília, 81

Desde a primeira vez que fui à Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes, em Lauro de Freitas, um quarto da ala feminina me chamou a atenção. Era a primeira porta à direita de um dos dois corredores da casa que levam aos quartos das mulheres, e dentro dela havia só uma cama. Era o único cômodo no local com apenas uma moradora. Todos os outros tinham, no mínimo, três camas. Isso era algo tão singular quanto as dezenas de bonecas que enchiam as prateleiras daquele quarto privado. A maior parte delas estava dentro de suas caixas, como se seus cabelos nunca tivessem sido penteados ou suas roupas trocadas. Aquelas barbies, susies e outras tantas, pareciam transpostas das prateleiras das lojas para o quarto da pequena senhora, com aparência frágil e delicada. De costas para a porta, apoiada em um móvel, ela usava um vestido branco com aspecto de camisola. Os cabelos ralos, castanhos, nem alcançavam o ombro e, de altura, não deveria ter mais que um metro e meio. Enquanto mexia em algo que estava na cômoda à sua frente, não me viu contemplar a decoração do quarto, que com tantas bonecas e objetos cor de rosa, poderia hospedar alguém com muitas décadas a menos que ela.

Senti que precisava conhecê-la. Alguém que vivia em um quarto cheio de bonecas era demais para deixar passar sem ao menos a tentativa de uma troca de meias palavras. Mesmo assim, algo me impedia. Visitei a casa mais de uma vez antes de arriscar bater em sua porta. A pequena senhora sempre estava ali dentro, mal caminhava, ficava

sentada na cama, de costas para a porta, como se não quisesse receber visitas. Como se o que houvesse em suas prateleiras fosse mais interessante que os passantes no corredor e lhe entretinha totalmente.

Nas minhas idas de lá para cá em frente à sua porta, observei que, ao lado das bonecas, havia dois armários grandes, com quase dois metros de altura e três portas cada. Era muito mais espaço para os pertences do que qualquer outro idoso tinha na casa. Geralmente, os moradores apertavam seus itens pessoais em um criado mudo ou uma cômoda com poucas gavetas. No quarto daquela senhora havia também ventilador e televisão, mas isso era comum. Alguns quartos chegavam a ter mais que três TVs, uma para cada moradora. Mesmo que a porta estivesse sempre aberta, o conforto e a privacidade de não ter duas camas coladas à sua era sorte grande por ali.

No dia que criei coragem para conhecê-la, quando visitei o asilo pela quarta vez, ela não estava sozinha. Havia um cochicho no quarto que não cessou nem quando pedi licença e perguntei se podia entrar. Estavam comendo laranja, ela e uma outra senhora, também idosa e moradora do asilo. Juntavam as cascas em um pequeno monte sobre o criado mudo ao lado da cama. Cheguei ao fim da sobremesa. Conversaram por pouco mais de um minuto, como se minha presença fosse tão relevante quanto a dos móveis, até que a visitante se despediu e me ofereceu a cadeira de plástico que deixava vaga. Sentei e me apresentei. Cecília, a dona do quarto, cujo nome eu havia descoberto ouvindo conversas entrecortadas das outras idosas, sorriu e começou a me fazer perguntas. Minha idade, onde estavam meus pais, qual faculdade eu fazia, onde eu morava, em que trabalhava... Tudo sobre minha vida parecia interessá-la. De forma menos questionadora e incisiva que naquele dia, esses temas sobre mim fariam parte da nossa rotina de conversas

nos próximos quatro encontros. Ela sempre lembrou de mim nas vezes em que voltei. Não dizia o meu nome, mas eu acreditava, pelo modo que sorria, que o significado nos seus olhos eram de reconhecimento.

Depois de ter suas perguntas contempladas, não se opôs a me responder algumas mais difíceis e, por vezes, confusas. Foi assim que descobri que os muitos pares de olhos plásticos, das bonecas que a vigiavam dia e noite, lembravam o apelido que ganhou do marido enquanto ainda namoravam: “bonequinha”. Antes disso, trabalhou como babá. Mas esses elementos, a vida de casada e o emprego em que se sentiu amada e essencial, são lembranças felizes da vida da idosa que tem sua foto estampada em um cartaz de uma campanha de doação de fraldas geriátricas para o asilo onde vive.

Cecília é especial naquele lugar pois está ali há quase sete anos, pelo que se lembra. Quando precisou de cuidados, foi recebida em outro endereço, pois a casa onde eu a conheci, ainda estava sendo construída. É assim que sua história dos últimos anos se mistura com o crescimento da Casa de Caridade, que começou a acolher idosos no lar de seu fundador, também no município vizinho a Salvador, e há meia década mudou-se para a casa de dois andares, onde Ceci, como é chamada pelos funcionários do local, tem um quarto só para ela.

*

Cecília era a imagem encarnada da fragilidade. Tão magra que era possível sentir os ossos facilmente no mais leve toque. Como uma boneca de porcelana, a impressão de fora é que qualquer descuido, como um aperto de abraço muito forte, poderia quebrá-la. Por dentro, ela me provaria ser muito mais resistente que uma simples cerâmica. No entanto, na manhã em que fui visitá-la para realizar a entrevista

final para este perfil, minha preocupação com a fraqueza do seu corpo foi o que predominou em meus pensamentos quando a vi.

Naquele dia, ela acordou às 4 horas da manhã. A dor na perna e a tosse, características do período de chuvas, lhe roubaram o sono. Pensou em arrumar as roupas lavadas e os lençóis que deixou em cima da cama na noite da véspera, mas não teve coragem. Ficou deitada até a hora do banho, pensando na idosa que havia caído no banheiro, durante a madrugada. Um tropeço e pronto, a notícia se espalhava rápido entre os moradores do asilo. A queda é mais do que um acidente para os idosos: é uma determinante do destino. Teresinha é um exemplo disso. A senhora de 80 anos, que vive no corredor oposto ao do quarto de Cecília e ocupa uma cama no cômodo com mais de cinco, caiu e agora precisa de cadeira de rodas para qualquer locomoção que a tire da cama.

Preocupou-se com a queda alheia até o sol aparecer para lembrá-la de levantar, mas foi só quando cheguei, no meio da manhã, que decidiu dobrar o que estava sobre a cama. De pé, apoiada no andador, mandou que eu me sentasse na cadeira. A tosse aparecia entre suas palavras. Fraca, mas persistente.

– Eu sou alérgica, no frio eu fico alérgica. Olha como eu fiquei no frio do ano passado.

Ela me mostrou a mão esquerda, praticamente sem movimentos. Os dedos estão eternamente esticados e próximos, em uma posição que não consigo reproduzir naturalmente.

– Os nervos endureceram porque eu sofro de artrite. Eu já sofri, já sofri que não foi brincadeira nessa vida.

Olho para baixo e percebo o pé esquerdo com quase o triplo do tamanho do direito.

– Como foi que o seu pé inchou?

– Foi por causa do reumatismo e de um calo grande embaixo do pé. Tudo isso é sofrimento, é uma dor que só passa quando a gente morre.

– E a atadura, é por causa do inchaço? – Me refiro à faixa um pouco acima do tornozelo que cobre todo o pé.

– Não, isso aí é uma ferida que eu tive há 16 anos e agora voltou. Vai fazer um mês que eu estou assim. O nome é disipele. Isso é irisipele.

Ou pelo menos foi o que eu entendi. Perguntei mais uma vez, mas as respostas não me soaram diferentes. Nenhuma variação que eu imaginasse, substituindo vogais ou consoantes, tornavam a palavra mais comum. Quando cheguei em casa escutei o áudio da conversa e fiz algumas buscas. Erisipela era ao que, provavelmente, ela estava se referindo. Uma infecção cutânea causada por bactéria. Lembrei que a ferida apareceu pela primeira vez há mais de uma década, tempo que certamente não permite classificá-la como estágio inicial, o que de acordo com minhas pesquisas na internet, eram o período de maior sucesso da regressão infecciosa. Ao meu olhar leigo, o diagnóstico pareceu desanimador. De qualquer maneira, não havia muito a ser feito. O médico receitara antibióticos como tratamento e Cecília estava tomando-os todos os dias.

Ela não deu muita importância para a minha preocupação. Raramente dava. Queixava-se das agonias físicas, mas quando eu franzia a

testa com apreensão, ela agitava a mão e dizia: “é assim mesmo”. Satisfazia-se em dizer que curtia sua dor calada, no silêncio. “Vou gritar pra quê? Ninguém vai resolver, ninguém é culpado da minha dor”. Aceitação, um sentimento com o qual saí da casa familiarizada, na verdade, era mais um modo de viver.

Terminou a arrumação que procrastinara ao início da manhã. Após dobrar o último lençol que estava sobre o colchão, veio sentar-se em frente à cadeira que eu ocupava. Perguntei se queria ajuda para soltar o andador e, finalmente, descansar sobre a cama, mas ela recusou. Disse-me que podia fazer isso sozinha. Continuamos conversando enquanto ela aproximava-se da cama até que a parte detrás dos joelhos tocasse na madeira. Encontrando apoio com as mãos no andador à sua frente e no criado mudo ao seu lado, permitiu que os pés escorregassem lentamente para frente, enquanto o tronco descia em direção à cama e as coxas aproximavam-se do colchão.

O movimento do corpo necessário para que ela sentasse na cama demora mais de um minuto. A vagareza do ato deixa-me temerosa de que Cecília esteja sentindo dor. Alheia à minha inquietação, ela sorri e inicia uma nova conversa, como se o motivo da minha recente angústia fosse algo rotineiro ao qual está habituada. Provavelmente era mesmo parte do seu dia-a-dia, pois, com a dor nas pernas, ela não dobrava os joelhos ao sentar-se, o que comprometia a rapidez de um movimento, aparentemente, simples. O tempo dela é outro. Em nada assemelha-se com as horas corridas do meu dia, que preciso dividir entre o estágio, as visitas ao asilo, o tempo de estudo para o trabalho de conclusão de curso e o de deslocamento entre todos esses lugares e a minha casa.

– Tudo bem, de verdade?

Tento assegurar-me de que ela não está sentindo nenhum incômodo. Cisma é difícil de ignorar.

– Minha filha, quando a gente tá bom, tudo tá bom. Mas quando a gente perde a saúde, já era. Perdeu a saúde, é difícil achar de novo.

“Fui embora para não voltar”

As bonecas, que colorem ainda mais o quarto de paredes pintadas de rosa, verde, azul e amarelo, foram presentes, mimos. Lembranças daqueles que visitam o local sem compromisso e dos que se despedem com retorno agendado. Há um cachorrinho de pelúcia escondido no meio das meninas, pois é melhor que fique protegido, para não pegar poeira e sujar o pelo branco. Bibelôs e miniaturas completam a coleção. Não são propriedade intransferível. Muitos estão à espera das crianças que por ventura apareçam ali. A preferida de Cecília já não está mais à vista. Escondida no armário ao pé da cama, espera pela nova dona, que prometeu ir buscá-la no último domingo, mas não apareceu.

A boneca fantasiada de princesa, que fica em frente à cama, tem mais dois vestidos além do branco que está usando. Cabelos loiros, olhos azuis, pele clara, além do eterno sorriso de dentes cintilantes, emoldurado por um batom cor de rosa. Deve ter mais que 30 centímetros, é maior do que a Barbie, e não está posicionada ali à toa. Sua localização privilegiada, onde a dona possa vê-la assim que acorda, é consequência de sua beleza. Cecília me diz que acha a princesa a mais bonita de todas.

– Ela se parece comigo? – Me pergunta já com o riso preparando-se nos lábios.

– Olha que parece, viu? – Ela já estava gargalhando, pois recebeu a resposta que queria. Mas eu me preocupei em justificar. – Ela também tem cabelos e olhos claros como você, além de ser branquinha. Vocês têm muitas semelhanças.

– Eu sou filha de gringo, alemão.

O riso cessa. A nacionalidade é tudo que sabe sobre o pai. Da mãe, menos ainda. Cecília nasceu aqui, no Brasil, e nunca os conheceu. Disseram-lhe que a mulher que a criou havia sido também a parteira que a trouxe ao mundo. Logo após o nascimento, foi levada para a casa que seria sua morada nos próximos quinze anos. Se foi salva ou roubada, nunca soube, nem há como descobrir.

O município de Pedrão, próximo a Feira de Santana e distante 131 quilômetros de Salvador, foi o primeiro endereço de Cecília. Uma cidade pequena, que hoje tem pouco menos de sete mil habitantes. Mas para a menina que amadureceu entre plantações, o local era muito menor. Resumia-se a Matas, provavelmente um povoado do município, onde ficava a roça em que aprendeu a plantar e colher raízes e grãos. A relação com a mulher que a criou não era marcada por grandes agitações ou problemas. Maternidade, no entanto, não era o sentimento existente por ali. O contato das duas tinha mais a ver com mandamentos e obediência. Cecília era subordinada e fazia o trabalho da casa e do campo como uma empregada. A parteira de ocasião era viúva, mas abrigava alguns netos que seus filhos tinham deixado aos seus cuidados, além de mais uma moça, com idade próxima à de Cecília.

A rotina da menina de aparência estrangeira começava às cinco da manhã, para que às seis o suprimento de água da casa, necessário para o cozimento das refeições do dia e para as atividades domésti-

cas, já estivesse completo. Ela buscava água em uma fonte, vizinha a casa.

O tempo para o café era inexistente, sentar-se à mesa, nem sequer era uma opção. Varrer e limpar os cômodos eram as atividades que preenchiam a espera pela comida que cozinhava no fogo. Quando o almoço ficava pronto, era hora de enfrentar o sol com a marmitta em uma sacola a tiracolo. Provavelmente, Cecília saía de casa para trabalhar nas plantações poucas horas antes do meio dia, mas o horário exato das suas tarefas ela não soube me dizer. Lembrava que, por muitas vezes, acordara antes do amanhecer e só se deitava depois que o céu escurecia. O sol deveria ser o seu relógio, mas a memória confusa dos seus 81 anos inúmeras vezes a impediu de fornecer informações exatas quanto ao tempo e o espaço do que relatava. Com um cesto nas mãos, a lavoura seria sua companheira no passar do dia. Milho, feijão, fumo, mandioca... Cada um aparecia com mais força no seu período de safra e ela estava lá em todos. Desde quando foi assim, não se lembra, mas a repetição diária de atividades braçais é tudo que recorda quando pensa na infância que não lhe foi permitida.

A volta para casa não era de descanso, era apenas uma parada antes de encarar o mato em que ia cortar lenha para o fogão. Estudo não era uma palavra que tinha aplicação por aquelas bandas. Tudo que Cecília conheceu foi trabalho, mas ia bem, a mulher gostava dela. Até que a outra menina que a acompanhava na orfandade fugiu. Já era moça e arranjou um namorado que lhe virou a cabeça. Não dava para continuar sob os desmandos de uma viúva. Arrumou a trouxa e foi embora para São Paulo. Foi o que ouviram sobre o sumiço. A partida não parecia que mudaria a rotina da casa, mas incluiu uma variante ameaçadora para qualquer convivência: a agressão.

Começou por uma cabaça que Cecília quebrou sem querer e, na

terceira exaltação de humores da viúva, não havia mais lógica nos gritos. Por três vezes, os moradores que não estavam familiarizados, sequer com picuinhas ou brigas, foram testemunhas de uma violência muito severa. A mulher estava descontrolada e Cecília se tornou o alvo. Jogada no chão, apanhava por todos os lados, sem defesa à altura. O pouco que balbuciava era um grande esforço que fazia ao mesmo tempo em que tentava se livrar do pé que lhe esmagava o pescoço e bloqueava a respiração.

Três repetições daquele horror foram o seu limite. Com 15 anos, a menina obediente de aparência frágil fortaleceu-se o suficiente para fugir. Arrumar o pouco que tinha em uma sacola e caminhar até a beira da estrada foram os seus maiores atos de coragem até ali. Estava pronta para ir embora. O destino não importava, estava partindo porque não conseguia mais ficar.

Em um ponto de descanso de motoristas, no contorno da estrada, dois lhe perguntaram para onde iria. Escolheu Salvador. Eles estavam seguindo viagem para lá e ofereceram carona. Cecília aceitou. Com o destino selado, a viagem de mais de cem quilômetros com assento entre dois desconhecidos pareceu o cenário pronto para outro desfortúnio. Mas sua sorte virou. Durante o percurso, repassou mentalmente todos os desfechos infelizes que poderia ser vítima e nenhum deles se sucedeu. Deveria ser um prenúncio de melhora.

– Nunca me arrependi de ter saído de lá. No pé que ela botou em mim apareceu um abscesso depois de alguns anos. O que eu digo é: quem tiver seus filhos que crie e não dê a ninguém.

*

Mas filhos, ela não teve. Enquanto me contava sobre o col-

chão novo que ganhara na véspera, narrou o caso seguinte como se ainda estivéssemos falando sobre os presentes que acumulava no quarto. Nessa nova história, ela me disse que já estava casada há algum tempo quando engravidou. Após tornarem oficial a união, o marido insistiu para que ela parasse de trabalhar e, desde então, ocupava os dias cuidando da casa enquanto ele cumpria sua jornada. Era uma boa residência, uma casa de andar. Trabalho não faltava para manter tudo limpo e organizado conforme o gosto da dona. Mesmo grávida, ela não deixava os afazeres domésticos.

Um dia, Cecília estava no andar de cima quando ouviu a campainha tocar. Era o carteiro, uma visita trivial e rotineira. Ele teria que esperar um pouco para que ela abrisse a porta, mas era bobagem. Só descer as escadas e já estaria girando a maçaneta para receber a correspondência. Não naquele dia. Tropeçou logo no topo dos degraus, sem motivo aparente, sem obstáculo. Tentou parar o movimento desenfreado do giro, mas quando encontrou o chão, a escada se erguia defronte de seus olhos com uma altura que nunca havia reparado. Estava olhando-a de baixo, deitada no chão, gritando pela dor que lhe avisava do inevitável.

O filho não sobreviveu, e pela dor que a acompanhou nos meses seguintes, poderia dizer que direcionava todas as suas energias para resistir à agonia. Com o corpo fragilizado, gravidez não voltou a ser uma ideia possível. O mais perto que chegou de ofertar seus cuidados maternos foi cumprindo o ofício de babá, que lhe acompanhou desde os primeiros dias na capital.

Ainda recém-chegada à cidade, com 15 anos, procurava um trabalho para pagar o quarto que havia alugado no bairro da Federação. O emprego dos próximos anos lhe chegou através dos poucos conhe-

cidos que já sabiam o seu nome. Era em uma casa grande no bairro da Vitória. A família, endinheirada, já tinha três empregadas, além da cozinheira, mas o cargo para cuidar dos seis herdeiros estava vago, e ela o preencheu. Os patrões eram bons, mas na casa não havia mais cômodo para ela. Queriam que trabalhasse o dia todo, então teria que se ajeitar no quarto com as crianças. Por causa do desconforto, prometeu que só ficaria até arranjar outro emprego e lá passou dois anos.

Tantas crianças seriam de enlouquecer qualquer um, mas não a ela. As idades dos meninos e meninas variavam de meses a pouco mais de sete anos, e os que entendiam o que ela dizia, obedeciam. Antes de dormirem, ela avisava que quando acordassem deveriam tocar o sino que era deixado ao lado da cama, para que ela viesse vê-los. E assim faziam, sabendo que não podiam botar o pé no chão até que a babazinha autorizasse. Durante o sono dos pequenos, o trabalho continuava para ela. Aproveitava o silêncio das crianças para lavar as roupas deles e quando ouvia as leves badaladas sabia que estavam com fome, à espera da merenda. Um estranho costume que tinham de querer comer durante a madrugada. Foi assim que se tornou essencial, tendo paciência e tolerância. Gostava de lidar com a espontaneidade da infância.

No entanto, quando soube que precisavam de alguém em uma pensão próxima não hesitou em se oferecer. Dormir no chão do quarto das crianças ainda a incomodava e já havia avisado que não aceitaria aquilo por muito tempo. O trabalho na pensão incluía a privacidade de um teto e uma cama só para ela, porém não vingou. Quando o convite de voltar para a Vitória lhe foi ofertado, negociou as condições. As crianças choravam desde que ela saía, estavam chateados com a mãe por ter deixado a babazinha deles ir embora. Faziam birra para dormir sem companhia. A presença dos pais e das

outras empregadas não lhes bastava. Ela voltou para dormir em uma cama de casal tão grande que caberiam quatro adultos confortavelmente. Era a exigência dos meninos. Queriam dormir todos juntos e Cecília precisava lhes acompanhar. Por mais alguns anos, pularam muito em cima do colchão antes de caírem no sono, e ela permanecia ali, no meio deles, colocando ordem para evitar confusão.

Humberto foi quem a roubou da rotina agitada. Era zelador de um prédio comercial há tempo suficiente para ser considerado uma pessoa de confiança pelos seus empregadores, os donos do prédio, que lhe deixavam responsável por muito mais que a manutenção e a limpeza das instalações. Por inúmeras vezes, era ele quem fazia pagamentos no banco ou transportava documentos de valor. O que recebia não era muito, mas permitia que bancasse uma vida confortável para a esposa. Por isso, quando o namoro ficou sério e Cecília aceitou o seu pedido de casamento, ele fez questão que dormissem juntos todas as noites e que ela se despedisse das crianças.

Foi compreensível que os filhos postiços não entendessem por que ela não poderia morar na casa deles com o futuro marido. No meio das lágrimas e reclamações, a mãe mais uma vez foi culpada por deixar que a guardiã do sono deles fosse embora. Queixavam-se da comida da cozinheira, que não era tão boa quanto o café e o feijão que a babá preparava especialmente para eles, e de muito mais. Mas Cecília estava satisfeita com sua decisão. Humberto a tratava bem, nunca brigavam. Todos os amigos dele comentavam que o homem era doido por aquela mulher, a quem chamava de bonequinha. Se ela saísse de casa e demorasse de voltar, ele aparecia para buscá-la. Sabia sempre onde a mulher estava.

– Eu me casei com o homem certo. Vou dizer uma coisa pra você: a

moça precisa saber manejar a vida dela, porque se ela não souber manejar, a vida dela dá pra trás. Tem que saber quem vai namorar, pra não pegar qualquer coisa. Meu marido era bom, mas ele morreu. Se ele fosse vivo, eu não estava aqui, não. Se ele fosse vivo, ele não me trazia pra aqui, não.

*

Como Humberto morreu, eu nunca descobri. Por mais que tentasse, não consegui chegar ao ponto em que ela recebeu a notícia ou que tivesse lembranças do ocorrido. Um dia me perguntou se eu tinha namorado, lhe respondi que não.

– É isso mesmo, vá trabalhar. Namorar pra quê? Pra depois vir uma qualquer e roubar seu namorado?

– Alguma mulher roubou seu marido?

Ela nunca tinha demonstrado esse negativismo quando falávamos de relacionamentos. Mas não me respondeu, fez um muxoxo baixo, pressionou os lábios e virou o rosto para a parede, encerrando o assunto.

O que mais eu soube em relação à morte de Humberto é que o acontecimento desencaminhou a vida que Cecília havia planejado. Sem o marido para lhe amparar, precisou voltar ao trabalho para pagar um quarto alugado. Foi indicada para trabalhar em uma casa na Federação, próxima ao Hospital Salvador. A dona era viúva e vivia com uma filha adotiva, de pouco mais que cinco anos. Precisavam de uma empregada, alguém para limpar e cozinhar. Cecília parecia apropriada. Quando chegou à porta da casa, foi a menina quem veio abrir o portão. Estava mancando. Ela não enxergava o motivo. Olhou mais de perto e viu a pele avermelhada, quase em carne viva. Pensou que se a mãe era tão irresponsável para deixar que uma criança pe-

quena como aquela brincasse com fogo, realmente precisavam dela.

Não demorou muito para que Cecília descobrisse que a queimadura do primeiro dia era apenas mais uma prova dos maus tratos que a criança sofria. Todos na rua sabiam do horror que era vivido naquele lugar. Ninguém fazia nada. Ela, que já tinha passado por uma situação semelhante, também sentiu que não havia o que fazer. Durante o tempo em que trabalhou lá, a polícia foi chamada. Os homens entraram na casa, conversaram com a mãe fajuta e saíram de mãos vazias. Pensou: se nem a polícia havia dado jeito, o que ela poderia fazer?

Mantinha seu emprego há dois anos quando descobriu a resposta. A menina estava brincando na sala no momento em que a mãe irrompeu no cômodo, esbaforida. Ordenou que a criança se levantasse e fosse buscar um fósforo, porque iria queimá-la. Antes que a criança largasse os brinquedos, Cecília se colocou em sua frente. Pela primeira vez, enfrentou a patroa. Esticou o braço como oferta para o desejo da mulher de queimar e avisou que na criança ninguém tocaria. A reação da empregada causou surpresa e a algazarra que se seguiu foi o que possibilitou a tão prometida fuga.

Quando a loucura da patroa, que se resumiu apenas a gritos, passou, ambas perceberam que estavam sozinhas. Cecília entendeu. A menina que por tantas vezes lhe avisou que um dia iria embora, sairia correndo pela porta e pediria abrigo a quem encontrasse de conhecido, tinha cumprido a promessa. O casal que lhe socorreu trabalhava na escola em que estudava, criaram-na até que se tornasse adulta. No dia em que ela foi embora, Cecília também não tinha mais porque ficar. Hoje, mulher feita, a sua protegida lhe visita no asilo. Nunca se esqueceu da salvadora e retribui com companhia e atenção.

*

Estamos sentadas na posição habitual, minha cadeira em frente à sua cama, quando ela deixa cair uma foto 3x4 de dentro da Bíblia pequena. É em preto e branco. “Sou eu”, me diz quando pego o retrato de sua mão. Eu não teria reconhecido se não tivesse me dito. O nariz fino estava ali. O cabelo, mesmo preso para trás em um coque, parecia ralo e fino como hoje. Mas a expressão está dura, séria, o olhar é quase ameaçador. É a imagem de alguém que os que têm juízo não ousam contrariar. Um mês antes, eu certamente não imaginaria aquela expressão na senhora que vivia cercada por bonecas, mas agora, fazia muito sentido. Tudo o que me contou parecia mesclar momentos de sufoco com relativa tranquilidade. Um vai e vem sem fim, que como me disse mais de uma vez, só acaba quando chega a hora. Quando Deus decide que é o fim da vida.

Depois que abandonou o emprego na casa da Federação, seus passos se perdem nas lembranças. Por inúmeras vezes, ignorou a cronologia e me contou sobre a dor de cabeça que a fez ficar maluca, imprestável. Eram enxaquecas horríveis, que pareciam não descansar, e a impediam de sair de casa. Foi quando procurou amparo na Igreja. Acredita que a cura veio pela fé. Por falta de dinheiro recusou os remédios e triplicou as orações. A dor passou, foi viver na casa de uma amiga que conheceu através das palavras da Bíblia. Nove meses foi o tempo que Dona Pureza abrigou-a no interior de sua casa. Pureza não era uma senhora idosa naquela época, mas não conseguia suprir todas as necessidades da hóspede, ainda um pouco debilitada. Foi quando procurou o asilo, 11 anos atrás. Na época o abrigo funcionava na casa

de Reinaldo, o fundador. Eram apenas três quartos e poucas camas. Cecília presenciou o crescimento do lugar, as mudanças, conheceu os que chegaram e os que partiram ou morreram, e permaneceu ali. Seu quarto com uma única cama não foi ao acaso. Foi um presente ofertado pelos que receberam-na e sensibilizaram-se com sua história de vida, os desafetos familiares, a ausência de parentes. Hoje as bonecas são sua família, são seu único bem de valor que, como tal, está inscrito em testamento como herança para as crianças que não tenham brinquedos. Hoje ela não reza mais, fala com Deus, e ele responde.

– Eu sou feliz, eu sou feliz. Com todo o meu sofrimento, eu sou feliz.



Valdivino, 83

Valdivino, 83

— I magine aí.

Eu estava tentando imaginar, mas a racionalidade me obrigava a tentar entender todos os detalhes do incidente. Eu não conseguia, simplesmente, visualizar uma cena como aquela. O que Iracema, enfermeira do Abrigo São Gabriel, estava me contando era um daqueles episódios em que você só acredita quando o desenrolar está diante dos seus olhos. Mas como eu não veria, me bastava imaginar o senhor de pele branca, sempre protegida pelas roupas, pois o vitiligo já se espalhara em mais partes do corpo do que seu rosto e suas mãos revelavam, protagonizando uma cena de fuga. Com o seu chapéu estilo panamá cobrindo o topo da cabeça, completara o traje da partida. Foi assim, vestido para dizer adeus, que Valdivino, no início dos seus oitenta anos, pulou um muro com quase o dobro da sua altura.

Ele chegou na casa em frente ao mar, no bairro da Boa Viagem, em novembro de 2012, e em seu primeiro ano no abrigo, repetiu o feito acrobático cinco vezes. Se eu estava tendo dificuldades para calcular onde ele havia encontrado habilidade para passar por cima de pouco mais de dois metros de altura visando uma fuga, cinco eram imagináveis. Nenhuma tentativa teve real sucesso, pois sempre o trou-

xeram de volta para os cuidados do Irmão Gabriel, responsável pelo lar que protege 65 idosos, desde 1999. No entanto, saber que duas das tentativas resultaram em ferimentos temporários também não roubava o mérito de Valdivino. Quando torceu o tornozelo no último pulo, ele disse ao médico que havia sido um descuido, pois sabia saltar daquela altura e permanecer ileso.

Depois da quinta tentativa ele se acalmou e decidiu ficar. Talvez tenha sido a fraqueza inesperada do corpo ou a frustração acumulada que o fez perder as esperanças de voltar a dormir em um quarto só dele. Quando começou a dormir no mesmo cômodo de outros doze idosos, há quase dois anos, tinha 81. O conheci com 83 e ele me pareceu conformado com a morada. Em nossas conversas, com o barulho das ondas do mar ao fundo, ele nunca me contou das escapadas, assim como também não mencionava muitos detalhes sobre sua vida no abrigo.

Foi a enfermeira Iracema quem me confidenciou também que o sorriso de quatro dentes, na parte inferior da gengiva, que Valdivino exibia com certa facilidade, já fora usado para galantear muitas moradoras. Ali, todos dormem no mesmo andar da casa, homens e mulheres têm contato permanente e não há restrições a relacionamentos amorosos entre os idosos, desde que o desejo seja mútuo. No caso de Valdivino, foram sempre investidas sem sucesso. Pelo que ela percebia, o erro dele foi tentar ganhar todas ao mesmo tempo. O excesso de paquera esgotou suas possibilidades com as mulheres rapidamente. Esses pormenores do passado recente do senhor de calça bege de linho e sandálias de borracha só conheci depois de ouvir muitas das suas histórias. Quando ele se apresentou a mim no corredor entre os quartos e a sala de refeições, a amabilidade que enchia seus olhos era incapaz de

revelar o gênio forte e arisco.

*

– Valdivino, com v maiúsculo, porque é começo de nome próprio, de Oliveira.

Era a nossa primeira conversa e eu havia perguntado como se escrevia o seu nome, para ter certeza de que entendi corretamente. Enquanto estávamos sentados na mesa quadrada de madeira, que ficava encostada na parede ao lado da porta do dormitório masculino, nosso primeiro assunto foram as receitas naturais para tosse e cólicas menstruais que Valdivino sabia de cor e estava empenhado em me ensinar passo-a-passo. Como eu percebi ser comum em conversas com pessoas idosas, o surgimento dos temas não precisava ter conexão aparentemente lógica com o que foi dito anteriormente. Assim, mesmo sem nenhum de nós dois apresentarmos sinais explícitos de alguma enfermidade naquele momento, nos perdemos nas fórmulas dos xaropes e chás que ele aprendera a fazer quando morou no Mato Grosso e tinha contato frequente com índios.

O chá para acabar com as cólicas contava, como ingrediente principal, com o bico do tucano. Pensei que deveria ser o nome de alguma erva, mas me enganei.

– O bico do tucano, da ave? Tem que matar a ave para fazer um chá?

– É, você mata o animal e tira o bico.

Meu horror foi respondido com a tranquilidade de quem já comeu macacos no almoço. Extinção deveria ser um palavrão sem sig-

nificado naquela época e não uma ameaça ao futuro dos animais como agora.

Alguns ingredientes que ele enumerava, como se fossem os itens mais óbvios de se encontrar em qualquer mercado, eu nunca ouvira falar. Banha de cascavel ou de jiboia, por exemplo, se misturavam ao mel para compor um xarope expectorante que tinha sua eficácia comprovada pela afirmativa de “é bater e valer”, algo como tiro e queda. O sabor de tanta mistura deveria ser horrível, mas quando criança aprendi que remédio gostoso não tem efeito e curativo sem dor não cicatriza ferida. Pensei que talvez um Valdivino com a pele ainda intocada pelo vitiligo deveria ter aprendido as mesmas lições sobre curas que ouvi dos mais velhos.

O divino em seu nome pode ser associado ao milagre dele ter sobrevivido nos primeiros meses de vida. Com ainda 7 meses foi expulso da barriga da mãe já com alguma doença que não sabe nominar. O que lhe contaram foi que nasceu sofrendo do umbigo, por causa de um verme que chupava o seu sangue. Naquele tempo, criança prematura não escapava facilmente, mas ele cresceu ileso. Com a saúde estabelecida, o baiano de nascimento foi levado para o Mato Grosso, onde se criou. O motivo da mudança foi a oportunidade de trabalho que surgiu para o pai no Centro-Oeste. Enquanto o pai ia para as fazendas construir tudo que lhe fosse solicitado, como currais e casas, a mãe cuidava dos rebentos. Ao todo, nasceram doze. Em um lugar onde não havia médico, só macumbeira e raizeira, o menino que sobreviveu contra as expectativas, enterrou mais irmãos do que gostaria de lembrar. Da dúzia inicial, ainda sobrevivem cinco.

– Um tá deitado em uma cama, sofre de câncer de próstata, de-

senganado. O outro tá lá descadeirado, todo acabado de trabalhar. Aqui [em Salvador, porque os outros irmãos ainda moram no Mato Grosso] eu tenho duas irmãs, mas uma é louca. Se o remédio dela acabar, ela dá porrada na parede, no vidro, bate a cabeça, grita. E a caçula, que me trouxe para cá, vive em hospital. Eu sou o mais velho da turma toda e tenho parente, mas é o mesmo que não ter, não serve pra nada.

– E os seus pais?

Pergunto imaginando quanto tempo ele deveria ter usufruído dessa proteção.

– Eles já morreram, não existem mais. Minha mãe morreu com 108 anos, meu pai com 64, porque um derrame matou.

Mesmo sabendo que ele seguiu seu próprio caminho fora da casa dos pais, ainda na transição da adolescência para a idade adulta, a longevidade dos genitores poderia indicar que não faltou quem lhe aconselhasse nos momentos de hesitação. Mas o senhor que estava diante de mim, quando agradecia a Deus pelos ensinamentos que recebera durante seu desenvolvimento, não se referia aos pais. Os professores do tempo de ensino escolar são os primeiros a merecerem o reconhecimento pelo homem que se tornara.

Valdivino cresceu em uma zona rural onde uma escola não era uma construção que se via muito pelas redondezas. Aliás, não se via em paragem nenhuma por ali. Os seis anos que demorou para concluir o 2º grau colegial, quando já estava crescido demais para a idade estipulada para essa fase, se passaram em locais diferentes das convencionais salas de aula. Como não havia estrutura para proporcionar a educação aos filhos, os pais que trabalhavam nas fazendas do interior se junta-

vam para custear a vida e o trabalho de um professor que vinha da cidade. Lavavam a roupa, providenciavam uma morada e pagavam algo que servia de salário. Em troca, o mestre ensinava o que sabia debaixo da sombra de árvores ou, por vezes, em uma sala improvisada com quadro negro na parede.

As lembranças do meu interlocutor nos transportaram para uma roda de jovens que, com ouvidos atentos e bocas fechadas, cercavam o professor. No centro do círculo, o mentor do grupo empunhava uma régua cujos movimentos firmes enfatizavam o fim de cada lição. Se alguém aparecia para uma visita durante o ritual, era a oportunidade dos alunos mostrarem que sabiam entoar o hino do país sem hesitação. O que aprendeu, mesmo depois que já havia passado seu tempo de estudar, Valdivino não esqueceu. Pode não lembrar quantos anos tinha a mais que os colegas de classe, mas afirma que Deus não deixou que os ensinamentos saíssem do seu coração.

A presença da religião pontua incessantemente suas palavras. É por causa da crença inabalável no que está escrito na Bíblia que os anciãos católicos do Mato Grosso também aparecem nos seus agradecimentos: são os sábios que cruzaram seu caminho. Aos senhores que moravam perto da sua residência e passavam o dia inteiro sentados em frente à porta de suas casas, iniciando conversas com quem passasse pela vista, ele chama de patriarcas. A seu ver, o título serve para os homens velhos, de muita idade, barrigudões, da cabeça branca, que acreditavam em Jesus e orientavam os mais moços: “quem não respeita as pessoas idosas, não respeita nem a própria vida, tampouco a família. Muito cuidado. Trata as pessoas como a si mesmo, ama as pessoas como a si mesmo”.

Essa é a sabedoria espiritual que ele se orgulha de carregar, mas a certeza de que o seu Deus o manteve vivo por ter um plano maior para o seu futuro é algo que lhe preenche há apenas vinte anos.

– Antes de entender isso eu vivia no meio das mulheres peladas, no meio da sessão do diabo, eu não sabia nem que existia Jesus.

Muito antes de defender a sua interpretação da doutrina cristã, conheceu Amélia. A mulher que lhe ocupou os pensamentos durante o início dos vinte anos poderia ter sido a personagem da música de Aaulfo Alves e Mário Lago, sem tirar nem pôr. Sua Amélia era simples, morava com a mãe, única pessoa da família que lhe restara, em uma casa pequena no meio dos campos do Mato Grosso. Amélia não tinha a menor vaidade, assim como a da canção. Conheceram-se por uma mistura de acaso que cruza com o destino. Valdivino trabalhava em lavouras e plantações, sua rotina acompanhava as datas das colheitas e ele não tinha empregador fixo. Trabalhava onde havia vaga. Caminhava pelos povoados que lhe dessem renda. No passo entre uma fazenda e outra se encontraram. A conversa que não queria ter fim transformou afeição em um sentimento mais forte. Poucos meses depois do primeiro encontro, Amélia Maria Neta acrescentou o de Oliveira ao sobrenome e o amor foi consumado. Aquilo sim é que era mulher.

Amélia era mulher de verdade. Atendia ao marido em tudo que lhe fosse necessário, só faltava mesmo adivinhar o que ele precisava antes que lhe pedisse. A felicidade que preenchia os recém-casados, no entanto, não foi muito além do novo lar. Antes de conhecer Valdivino, Amélia alimentava as ambições amorosas de outro, que sonhava em se casar com ela, mas lhe faltava o dinheiro para oferecer uma vida decente à moça. Para o novo pretendente, as finanças não foram pro-

blema. Não que esbanjasse riqueza, pelo contrário, Valdivino vivia com simplicidade, mas uma reserva mais que suficiente para o casório não lhe faltava. Provavelmente pesando os prós e contras de cada relação, Amélia fez sua escolha. O ciúme e a inveja de um homem abandonado, o outro, capaz de fazer escândalo na porta do cartório, era um contra-tempo incômodo, mas o casal conseguia suportar. O insuportável foi o que aconteceu depois.

*

Estávamos sentados na varanda, ao fundo da casa do Abrigo. Pelas persianas de alumínio, que faziam às vezes de janelas no muro, era possível ver o pedaço de Salvador que é banhado por aquele mar. Os limites da casa são cercados pela areia amarelada da praia. Aquela é, literalmente, uma residência à beira mar. Debaixo do toldo branco que cobria algumas cadeiras na lateral da área de circulação o cheiro das águas salgadas enchia nossas narinas. Parecia o convite completo para um banho de sol, mas nós nos sentamos embaixo da proteção em busca de refúgio para a chuva, que se revezava com o sol aleatoriamente, sem respeitar as previsões dos telejornais, naquele mês de junho.

Era a segunda vez que conversávamos e eu estava determinada a entender o que havia ocorrido com Amélia. Na primeira vez que tocamos no assunto, o discurso repleto de símbolos religiosos me deixou tão confusa que não consegui fazer nenhuma conexão para frases como “a minha família o diabo carregou”, “o sujeito pagou pra nós não convivermos juntos” e “a mulher ficou louca”. O que eu não havia entendido de primeira é que, o homem que dorme com a Bíblia ao lado da cama e considera esta a única leitura dos seus últimos 20 anos, acredita no poder de macumbas, do candomblé e de feitiços. Para ele,

também o espiritismo está no meio dos cultos sincréticos e religiões aos quais se refere como porcariadas, coisas do outro ou coisas do mundo.

O destino do casamento se mostrou um pouco mais compreensível a partir de então. Segundo Valdivino, o sujeito que ainda nutria paixão por Amélia e não se conformava em ter sido rejeitado, juntou o pouco dinheiro que tinha, insuficiente para torná-la sua esposa, porém o bastante para transformá-la no pesadelo da vida de qualquer homem e pagou a um macumbeiro. O serviço solicitado foi cumprido antes do fim da lua de mel, e aí, a mulher ficou louca. Aos olhos de Valdivino, a mulher a quem nunca lhe faltou um sorriso de amor e carinho, transformou-se em um ímã para espíritos de prostituição e todo tipo de coisa que não prestava. Amélia tirava a roupa onde quer que fosse e desfilava nua sem nenhum pudor. Recusava-se a entrar nas igrejas para onde o marido tentava arrastá-la e já não tinha condições de comparecer às casas onde trabalhava como doméstica.

Ele me contou que as tentativas de exorcizar os demônios de Amélia onde o problema provavelmente teria começado: nos terreiros, só pioraram a mulher. Quando ela adoeceu e precisou ser levada para o hospital na capital, em Cuiabá, Valdivino pensou que finalmente teria um pouco de sossego. Enganou-se imensamente. Ao visitar a esposa durante uma noite, a cena que lhe roubou a fala e os movimentos foi uma Amélia agarrada a um segurança noturno que deveria fazer a segurança do centro médico. Ela fugiu do quarto quando as enfermeiras adormeceram e se entregou ao primeiro que cruzou seu caminho nos corredores brancos. O choque funcionou como um suspiro de coragem para Valdivino abandonar o barco.

No seu entendimento, se estavam casados civilmente, ele não poderia desampará-la, deixá-la sem abrigo. Mas como suas diversas tentativas religiosas não surtiram efeito no comportamento da libertina que assumira o corpo de sua esposa, recorreu aos representantes da lei de sua cidade, em busca de uma solução definitiva. O juiz lhe ofereceu os serviços de um capanga para mandar dar uma surra na adúltera. Ele recusou. Violência não era o caminho que queria. O promotor lhe autorizou a fazer o que bem entendesse, e essa foi a escolha que ele cumpriu.

– Eu levei ela para um hotel, paguei uma cama para ela, arranjei dinheiro para ela. Falei que era para procurar os conterrâneos dela, deixei dinheiro da passagem e fiz um pedido: não deixa eu te ver mais nunca. Ela me agarrou, começou a chorar, perguntou pra onde eu ia, eu disse: não te interessa, eu vou partir pra longe agora. Aquele sentimento por ela nunca saiu do meu coração.

Outro sentimento que não o abandonou foi o vazio de outra perda. No meio de toda a conturbação que preencheu seu casamento, nasceram duas crianças e ele não duvidava de sua paternidade. Marlise e Venâncio foram criados pelos avós paternos enquanto o pai gastava todas as energias para dar providência ao desassossego da mãe. No dia em quem Valdivino resolveu dar um basta ao caos em que vivia, o menino, mais velho que a menina um ano, ainda nem andava sozinho, eram dois bebês. Ele pediu aos pais que olhassem seus filhos por mais 18 dias, que era o tempo que gastaria para cumprir um serviço em uma fazenda mais afastada do centro. Quando retornou para iniciar a nova etapa de sua vida que havia planejado nos últimos dias, não encontrou nem sombra dos filhos. Amélia seguiu sua recomendação de desaparecer no mundo, mas não sem antes carregar as crias com ela.

– Andei dois dias e não achei rota dela, ninguém quis me dar endereço dela, larguei pra lá. Não vi mais, tem 50 anos. Hoje, aqui, eu tenho tudo que eu nunca tive, mas nada me faz sentido. Parece que tudo me falta.

*

A história que ouvi sobre o paradeiro de Amélia foi a mesma, repetida por três vezes. Iracema comentou comigo que quando uma história se repete nas conversas com os idosos, a tendência é que elas sejam verdadeiras. No entanto, para os que conhecem o simpático senhor sorridente há mais tempo, o fim de seu casamento já foi contado em cerca de quatro versões diferentes. A que ouvi está entre as mais rotineiras, mas há também a história que Amélia simplesmente fugiu levando os dois filhos, por querer o fim da união. É possível que haja um pouco de verdade em todas ou em nenhuma. Parece ser pouco provável, mas quem dirá que é impossível que Amélia nunca tenha, ao menos, existido? A história que vem logo após a partida dela também não pode ser confirmada, mas se encaixa com o presente, o que é suficiente para que faça sentido.

“É muito triste viver sozinho”

– Nunca mais eu quis ninguém e não é porque eu não achei, não, eu achei muito.

Ele não voltou a se casar. Quando enuncia a frase acima, mais parece um ponto final nos desejos carnis que poderia sentir ainda com o vigor da saúde sexual, antes dos 40 anos. É verdade que nunca mais quis ninguém para casar, para dividir uma cama permanentemente ou para compartilhar as alegrias e tristezas do cotidiano. O que não signi-

fica que preferia passar a noite sozinho. Pelo contrário, esse era o único momento do dia em que realmente fazia questão de estar acompanhado.

– Gosto dos carinhos de uma mulher porque tem o mesmo cheirinho da minha mãe. Amanheceu o dia, eu quero que ela vá embora.

Ao que tudo indica, ele seguiu assim até ser privado de sua liberdade e independência, quando foi trazido para o asilo. Ainda no Mato Grosso, ia para as festas que começavam no fim do dia, escolhia a mulher que lhe interessava e fazia o convite para um quarto de hotel. Na hospedagem, cumpriam o ritual de jantar e tomar banho antes de caírem na cama. Com o nascer do dia, avisava-a que estava na hora dela ir embora, lhe entregava o pagamento e findava assim o relacionamento de uma noite, como uma transação.

– Você sente falta de namorar?

– E bastante, muita. Quem que não sente? Até os passarinhos gostam de um amor, de um carinho. Como a gente sente falta, principalmente à noite, de ter uma pessoa pra dar amor, dar carinho, sentir o cheirinho da mãe da gente... Oh que coisa gostosa.

Quando lhe fez essa pergunta ainda não sabia que quando chegou ao asilo paquerou todas as mulheres que lhe sorriram. Mesmo assim perguntei por que ele não havia encontrado mais ninguém.

– A velhice chegou, acabou. Não valho mais nada. Enquanto ainda tenho saúde, é andar e comer até a hora de dormir. Oh tristeza, Deus me livre. É muito triste essa vida de viver sozinho dia e noite, não é bom, não. Deita na cama, vira pra um lado, vira pra outro, não tem ninguém, só a solidão. A mulher é a banda do homem, como é

o contrato dele encerrou, a moça despediu-se dos parentes e arriscou a sorte acompanhando-o no retorno dele para Salvador. Quando chegaram aqui, o pai do rapaz obrigou o casamento e o casal se deu bem. A irmã nunca mais voltou para o Mato Grosso.

Ao pisar na Bahia, Valdivino também assumiu o estado como seu endereço permanente. Comprou uma casa próxima à da irmã, com o dinheiro da aposentadoria, que seria o seu sustento dali em diante. Mudou de ares, mudou de vida, mas a sua fiel companheira veio na bagagem: a solidão. Os sentimentos de falta de sentido na vida que demonstra hoje já o perturbavam há dez anos. Nem o consolo que hoje parece sentir, por ter encontrado as palavras bíblicas, o deixavam dormir naquela época. Não conseguia dormir porque não sentia sono, a fome também lhe faltava e a comida não descia. Sentiu-se sozinho e abandonado, sem conseguir realizar o trabalho que preencheria sua vida desde a juventude, sem uma pessoa para dividir com ele o espaço da casa vazia. Só a tosse, a consequência que lhe restava carregar até o fim dos dias, é que não cessava.

– Aí, sabe o que foi que eu fiz? Comprei um tubo de chumbinho e tomei.

Lá pelos 70 anos, ele não sabe especificar quando, decidiu que encerraria sua sobrevivência sem propósito, sem gosto, sem prazer, e apagou no meio da rua, ao lado de um ponto de ônibus. Preferia não ter sido salvo, preferia não ter acordado, mas não lhe deram essa opção. Os rostos estranhos que estavam ao seu lado no momento de entrega total ao breu do desmaio o socorreram. A ambulância o levou para a UTI e os médicos concluíram o serviço de salvar a vida do homem não identificado.

A primeira lembrança que tem do retorno à existência é a de uma enfermeira aplicando uma injeção em sua barriga. O chumbinho havia sido expulso do organismo através de vômitos, os medicamentos agiam para concluir a limpeza. Estava no leito hospitalar há dois dias e só no terceiro conseguiu dar o telefone da irmã para que entrassem em contato. Sua sobrinha acompanhou a mãe na busca pelo tio suicida. A sobrinha que trabalha seis dias por semana, mais a irmã viúva que sofre de bronquiectasia (uma doença incurável que causa a dilatação anormal, irreversível e permanente dos brônquios), o que lhe proporciona tanto tempo em hospitais que se torna uma companhia pouco presente para o irmão, eram toda a família que ainda se importava com ele.

Valdivino ainda precisou passar mais algum tempo no ambiente com cheiro de éter até ser dispensado para retornar à sua casa. Tão vazia como quando ele a havia deixado. Passaram quase dez anos do incidente até o dia em que irmã pediu que o Irmão Gabriel, responsável pelo abrigo, o aceitasse na casa. Valdivino já apresentava os sinais da caduquez que acompanham o avanço da idade e roubam a independência de quem se acostumou a viver sozinho. Se saía para visitar a irmã, já não lembrava qual caminho tomar para encontrar sua casa. Um senhor de 80 anos, desorientado no meio da rua, era o alvo fácil para os oportunistas que prometiam ajudá-lo no trajeto e quando estendiam a mão era para lhe roubar a carteira, o relógio e o que mais estivesse à vista. Se era no mercado, quando ia comprar os itens que faltavam na geladeira, não lhe retornavam o troco. Estava sendo lesado constantemente. E a irmã, fiel cuidadora, já arcava com o fardo de cuidar de outra, que desenvolveu transtornos mentais e era totalmente dependente dela, não conseguia dar conta de mais um e ainda tentar sobreviver aos seus próprios problemas respiratórios.

Foi por isso que Valdivino aceitou morar no abrigo. Por falta de opção. Ou melhor, porque era a sua única opção.

– Aqui eu tenho tudo que eu nunca tive. Hoje o prazer que eu tenho é quando Jesus traz vocês aqui, pra que eu possa entregar o melhor pra vocês.

*

Foi esse o Valdivino que eu conheci, o homem com um comportamento claramente recluso, que reclama que os outros idosos do asilo não lhe entendem, não gostam de conversar com ele e não lhe dão atenção. Ao mesmo tempo, não tenta se aproximar de nenhum companheiro de morada, não se importa em ser ao menos simpático ou educado com os que dividem com ele os metros quadrados da casa. É assim que preserva sua solidão, mesmo cercado por mais de 60 pessoas, diariamente.

Para os visitantes, no entanto, ele é outra pessoa. Um senhor gentil, atencioso e solícito. Apegado à Bíblia e aos ensinamentos que Jesus deu a vida para perpetuar através dos que têm fé. Iconoclasta. Acredita que as imagens de santos não representam o seu Deus, adorar imagens para ele é uma perda de tempo, fruto da ignorância. Os terços não possuem valor para as orações e o único objeto que carrega é o livro sagrado. Provavelmente enxerga a si mesmo como um pregador. No seu mundo, as coisas corretas, do senhor, mostram um caminho tortuoso que poucos conseguem seguir. Não assiste televisão, não dança, não tem interesse por nenhum tipo de jogo, nem pelo futebol, porque essas são coisas do outro, do diabo. Acredita em um Deus que o carregue pela vida, com cuidado e zelo.

que uma banda pode viver sozinha? Tem dia que eu penso que a minha vida não faz mais sentido. Eu não tenho prazer por mais nada. Se é pra dormir, eu sou empurrado a custo de remédio. Se não tomar remédio, não durmo, não.

A confissão do sentimento de uma vida sem sentido e sem valor me assustou. Aquela não era uma frase sem sentido, não eram palavras soltas sem importância. Era um lamento de alguém que, segundo as avaliações psicológicas feitas no abrigo, tinha tendência a um comportamento depressivo. O psiquiatra que conheceu Valdivino na casa atribuiu os sintomas apresentados pelo idoso como uma possível consequência de uma intoxicação que ele sofreu, ainda no Mato Grosso.

Enquanto trabalhava com a plantação, ele utilizava muitos tipos de venenos para exterminar as pragas que corroíam os caules e os frutos. Parte de seu trabalho se resumia a pulverizar o pesticida, tóxico para qualquer ser humano, sem nenhuma proteção. Máscaras e luvas não faziam parte dos equipamentos de trabalho, o que deixava-o totalmente exposto às substâncias químicas. Foi essa contaminação por pesticidas agrícolas que findou sua trajetória no Centro-Oeste. Como seqüela do trabalho de anos na lavoura de café, os pulmões lesados não permitiram mais que o homem voltasse à ativa.

Foi, então, o fim da vida produtiva que lhe trouxe para a Bahia. Sua mãe já estava velha, mas vivia amparada pelo filho que alcançou melhor condição financeira. Ele não tinha de quem cuidar, muito menos quem com ele se importasse. Veio para a Bahia seguindo os passos da irmã. Ela se apaixonara por um baiano que estava pelas paragens próximas à Amazônia por causa de um trabalho temporário. Quando

– Obedece aos seus pais, cumpre ordem deles. Os pais sempre querem o melhor para os filhos. O que os pais veem os filhos não veem. Não pensa em namoradinho, não, que se pensar vai perder o estudo. Quando você tiver fazendo seus cursos, senta no seu canto e estuda com fé e coragem. Cumpre ordem dos professores. Quando você formar no mais alto grau, você vai ganhar muito mais que dois ou três salários, você vai andar no seu carrinho importado, se for o que você quiser. E eu não vou existir mais, porque eu estou com 83 anos, mas você vai lembrar: “é, se eu não acreditasse na conversa daquele velhinho besta que eu vi naquele dia, hoje eu não tinha o que eu tenho e nem seria quem eu sou”. A vida é boa, pra quem sabe viver.



Raimunda, 79

Raimunda, 79

Antes de chegar à Casa de Caridade Adolfo Bezerra de Menezes respondia por Raimunda, mas há três anos acostumou-se a levantar a cabeça quando ouvia chamarem por Vera. Raimunda Veras é o nome colado na parede que identifica sua cama. Entre fotos e figuras de desenhos infantis, há também a informação trazida em siglas: hip/card. Três ou quatro letras avisam as consequências fisiológicas desenvolvidas pelo acréscimo dos anos: hipertensa e cardíaca. Estas duas palavras são também uma forma de definir a senhora de 79 anos com cabelos acinzentados. Cor dos fios que relutam em abraçar a brancura total, mas já perderam a vitalidade particular do castanho escuro. Raimundas, ali, já havia umas três. Foi mais fácil que ela, última a chegar, fosse nomeada como Vera. Não parecia importar-se, mas disse que poderia chamá-la de Raimunda. Dona Raimunda foi como sempre chamei, por causa de um costume que pode ofender os que estão na meia idade, mas também significa respeito, como aprendi com minha avó.

A lembrança de minha avó não se resumiu a um simples pronome de tratamento. Às vezes, durante nossa conversa, Dona Raimunda lançava-me um olhar misterioso, semelhante ao de minha avó quando não contava tudo que sabia sobre o assunto que estivéssemos falando. Pensei que Raimunda deveria ter quem a chamasse de vovó e não me enganei. A filha Jayne tem dois filhos. A menina, com quem ela conviveu por mais tempo, estava com sete anos, e o menino, que nasceu quando a avó já estava morando no asilo, deveria ter completado três ou

quatro no último aniversário, mas ela não lembrava com exatidão. Formavam uma família pequena, especialmente se comparada aos numerosos descendentes da matriarca cujas feições Dona Raimunda assemelhava-se: Dona Canô. Fiz a conexão assim que a vi. Ela estava sentada observando a atividade de integração que as outras idosas realizavam, na sala de convivência, sob as orientações de três assistentes sociais.

Pessoalmente, nunca conheci a santo-amarense em vida. No entanto, quando trabalhei como estagiária de fotografia no Jornal Correo*, meu plantão de natal coincidiu com o dia em que Dona Canô foi fazer festa no céu. Seu velório foi nosso único encontro. Eu estava como intrusa nesse momento que se supõe particular e íntimo. No dia 25 de Dezembro, quando muitas pessoas buscam reunir-se com suas famílias, eu estava longe da minha e próxima da dela. Lembro-me da fila de fotojornalistas e operadores com suas câmeras pesadas e impessoais de um lado, dos rostos sérios e tristes do outro, e ela no meio parecia que descansava. Não fosse pelo caixão, seria como alguém que fechou os olhos por tempo demais no meio da reza e dormira ainda com o terço em mãos, acompanhado de uma imagem do menino Jesus.

— Já me falaram que pareço com ela, mas eu não sei, nunca conheci.

Dona Raimunda despertou-me da lembrança, o que me fez considerar qual era a semelhança entre as duas. O tom da cor dos cabelos, os óculos de grau, o formato e a curvatura do nariz, o riso singelo... Todas essas características eram sinais de igualdade, mas quando lhe mostrei uma foto de Dona Canô, em meu celular, não encontramos tantos reflexos de uma em outra.

— Pode ser algo que tenha a ver com os sentimentos que você desperta. Sempre ouvi falarem bem de Dona

Canô, vai ver as pessoas olham para você e sentem algo como a paz e serenidade que imagino que ela transmitia.

Aceitou minha justificativa etérea com um riso de canto de boca, um olhar de cumplicidade e encerramos o assunto.

*

No dia em que a conheci foi quando ela recusava-se a levantar da cadeira para participar da atividade de integração que estava acontecendo. Olhava de longe, sentada no corredor principal que liga a entrada da casa à sala de convivência, e repetia: “eu não vou para a roda, não quero brincar, estou triste”. Com poucas perguntas descobri que saudade era o que definia seu desânimo.

– Estou triste porque minha filha está em Londres. Ela foi morar em Londres com meus netinhos e não deu mais notícias.

Pensei que este deveria ser o motivo para ela estar no asilo. Abaixou a cabeça, olhando para as mãos cujas unhas estavam pintadas de rosa. Comentei que a cor cintilante era bonita, pois talvez um assunto ameno a animasse, mas o que a fez levantar foi a vontade de mostrar-me algumas fotos de seus netos.

Deixamos duas cadeiras vagas na pequena plateia que assistia às idosas gritarem “eu sou feliz!” e seguimos pelo corredor da esquerda. Dona Raimunda caminhava à minha frente com firmeza, passos lentos, mas seguros. O vestido de pano fino e leve parecia uma camisola, os pés calçados com uma sandália de borracha verde-clara. Estava vestida como quem sabe que passará o dia todo dentro de casa. Desde que percebeu que fora levada a um asilo, imaginou que não seria provisório. Sua casa de dois andares em Itapuã fora substituída por uma

cama apertada entre outras duas, em um quarto que acomoda cinco. Ao lado da cama, um criado-mudo era tudo que tinha para guardar seus pertences. Como consequência de tão pouco espaço, quase um terço do colchão é perdido para dar lugar ao que não cabe nas gavetas: roupas, lençóis, fotos, revistas, itens de higiene... Tudo se mistura debaixo de uma toalha, formando um pequeno relevo ao pé da cama.

Enquanto ela procura as fotos, percebo que há uma imagem sua colada na parede. Na foto, ela está de pé, segurando uma menina no colo, ao lado da filha Jayne, que bate palmas em frente a um bolo de aniversário. Foi há quase cinco anos. Morava em Itapuã, na casa que o genro inglês lhe deu para viver com a filha. Culpo-me por pensar que filha desnaturada Dona Raimunda deve ter: ir para Londres e despachar a mãe para um asilo? A culpa me faz tentar esclarecer.

– Por que a senhora veio pra cá?

– Eu fiquei doente quando morava em Itapuã, fiquei sem sentido. Minha filha me levou para o Hospital Português, mas lá era ruim e caro, aí ela soube que havia essa casa de repouso para idosos e me trouxe para cá.

Não foi simples conseguir uma vaga na casa. A magreza que Dona Raimunda apresentava após a doença foi decisiva para que fosse aceita, pois, caso precisasse de muito espaço, seria recusada.

– Quando cheguei aqui, eu não andava. Fiquei um tempão usando cadeira de rodas e fralda, estava doida.

À doença que a tirou de si ela não sabe dar nome, e, sobre os sintomas, diz não lembrar-se. Tudo que está me falando é porque contaram a ela. Da filha, ouviu que gritava o dia inteiro dentro de casa, dos enfermeiros,

que andava nua pelo asilo, e eles precisavam amarrá-la na cadeira de rodas.

Tudo isso foi antes de Jayne aceitar o convite do marido e mudar-se com os filhos para a capital da Inglaterra. Eles casaram-se antes da primeira filha, Naomi, nascer, mas, mesmo como marido e mulher, viviam com a distância de mais que um oceano. O gringo, como Raimunda o chama, passava apenas as férias em Salvador. Mesmo assim, assistia a família da esposa o ano todo, mas foram os quilômetros de separação que fragilizaram o relacionamento. Jayne interessou-se por outro homem e, desta relação, nasceu Roberto, o que tornou impossível esconder do marido o caso extraconjugal. Dona Raimunda agradece a Deus quando conta que o genro perdoou a filha. Mesmo que Jayne não estivesse arrependida, ela preferiu que o marido assumisse a criança como sua. Foi depois desse episódio que o casal decidiu morar junto em Londres.

Dona Raimunda soube de toda a trama sem presenciá-la. Não esteve ao lado do neto como com Naomi, que lhe acompanhava ao mercadinho e às caminhadas vespertinas pelo condomínio. Provavelmente por isso, pediu desculpas a Deus, como boa cristã, pois sentia que queria mais bem à menina que ao neto, mesmo amando-o como um filho.

Por causa da doença e da viagem da filha, Raimunda foi para o asilo. Ela lamenta por saber que sua casa está vazia, fechada, e que não pode voltar para lá. Mesmo assim, não há um dia em que não considere a ideia em voz alta.

– Eu podia morar lá, podia cuidar da casa e, assim, Jayne não ia precisar pagar a mulher que vai lá uma vez ao mês só para limpar.

Os funcionários do asilo que já levaram Dona Raimunda até a sua casa, para passar alguns feriados com a filha, disseram que é

uma residência de encher os olhos. Mas, passado o deslumbre, o comentário seguinte é uma confidência nada agradável. Da última vez que Jayne pediu para que levassem a mãe até Itapuã, houve um desencontro. Ao chegar lá, o carro do asilo foi barrado pelo porteiro, que se recusou a levantar a cancela, informando-os que não havia ninguém em casa e ele não fora autorizado a liberar a entrada da ex-moradora. Sem sucesso, ligaram para a filha que deveria estar à espera da mãe. Como ela não atendeu, retornaram para o asilo. Contaram-me que Dona Raimunda não aceitava estar tão próxima de casa e não poder entrar. Ela queria bater na porta de todos os vizinhos, com a esperança de que algum iria recebê-la enquanto a filha não chegasse. Foi com lágrimas que ela percorreu todo o caminho de volta. Ao anoitecer, o telefone da secretaria tocou. Era Jayne que havia chegado em casa aquela hora, e disse que poderiam levar a mãe até ela. Depois da viagem em vão, entretanto, o retorno não foi permitido.

Apesar do episódio marcante, os funcionários admitiram que Jayne não era uma filha ausente. Antes de embarcar para longe, visitava a mãe uma ou duas vezes ao mês, uma frequência maior de visitas do que a maior parte dos idosos recebe. Ainda hoje, costuma ligar uma vez ao mês e enviou um cartão de Natal para a mãe pelo correio.

“Trabalhei em casa de família para viver”

Já ouvi dizer que, na velhice, voltamos a ser crianças, porque a necessidade de cuidados e atenção dispensados a um idoso equiparam-se aos olhos vigilantes e braços sempre dispostos com os quais os adultos zelam pelo desenvolvimento na infância. Essa é uma analogia mais fácil de entender quando se conhece a realidade de idosos que precisam usar

fraldas geriátricas e não conseguem comer sozinhos. O difícil é imaginar que a pele cheia de rugas já foi lisa como a de um bebê. Maior esforço ainda foi exigido por Raimunda para lembrar-se de quando este era um nome grande e pesado demais para ser carregado por alguém, com muitas décadas a menos, e que nem sonhava em ser chamada de “dona”.

A recordação do pai tem idade incerta, assim como sua fisionomia, sua estatura e seus gostos. Eram nove filhos e viviam sob as ordens da mãe, seis meninas e três meninos. iam para roça durante o dia e escondiam-se do pai à noite, em qualquer lugar além da porta do quarto, onde a vista dele não os alcançasse. O homem estava de cama, doente, desde que Raimunda entendia-se por gente. Anos depois, a maturidade permitiu-lhe entender que, pela falta de condições financeiras da família para mantê-lo em um hospital, os nove tinham que assisti-lo definhando todos os dias, quando a mãe os obrigava a ficar em semicírculo ao redor da cama. Raimunda não sabe ao certo qual enfermidade a privou da figura masculina, lembra-se apenas do medo e da correria. Medo de atender ao chamado daquele que ficava no escuro, que não se levantava quando o dia nascia e permanecia prostrado até a noite cair. Ele gritava pelas filhas e elas disparavam pelo corredor, cúmplices na fuga.

Ela viveu na fazenda em Água Doce, município do Maranhão, pelo mesmo tempo inexato em que se lembra do pai. Pelo que me contou, é possível que ele tenha morrido antes de ela completar dez anos e, com o seu falecimento, tornou-se hóspede na própria casa. Os tios paternos assumiram a propriedade do irmão como bem legítimo deles e, os moradores que ali estavam, Raimunda e sua família, foram rebaixados à condição de meras visitas, com validade no prazo de permanência.

De início, mudaram-se para uma casa pequena, em um terreno

próximo à fazenda, e pertencente aos novos donos de sua casa. Esse ajuste permitiu mais alguns anos de união à família, cujo primogênito ainda nem era homem feito para ajudar a mãe na responsabilidade de cuidar dos irmãos. Viveram do trabalho na roça até decidirem que não tinham mais motivos que os mantivessem de favor na terra dos tios, relembando diariamente da fazenda que perderam. Foi assim, quando o trabalho perdeu a graça de brincadeira entre irmãos, que se findou a infância de Raimunda. Ainda não era adulta, mas já estava crescida o suficiente para trabalhar como babá e cozinheira. Este foi o seu sustento no Piauí, destino escolhido pela mãe para terminar de criar os filhos.

Deixaram no Maranhão não apenas a lembrança de um lar, mas também os irmãos mais velhos. Eduardo, o primogênito, aprendeu a trabalhar em plantações e decidiu morar no interior do estado, onde tinha emprego nas fazendas de pessoas que conheceram seu pai. Raimundo, o segundo mais velho, embrenhou-se pela política e servia a um vereador. As últimas notícias que a irmã recebeu deste foi que se casou, aos 30 anos, com Rosa Íris, 16 anos mais moça que ele e filha de criação do tal vereador.

No Piauí, em um pequeno povoado cujo nome não se lembra, Raimunda cuidou de crianças, cozinhou e limpou as casas dos outros. Cozinhar era o seu maior mérito, o que lhe rendeu grande parte dos empregos em que trabalhou e trouxe-lhe para a Bahia. Mas antes disso, antes chegar à idade de mulher feita, sua mãe morreu. Maria, a irmã mais velha, já estava casada e acolheu todos os irmãos mais novos como seus filhos.

*

A idade que Raimunda tinha quando conheceu seu primeiro amor é mais um momento difícil de determinar. Tudo que ela consegue dizer é que foi há muito tempo, quando ainda era moça. O

homem em questão era Eliésio, tocador de viola e cantor, dono de uma voz grave. Conhecê-lo deu a Raimunda uma boa dose de romance nas folgas das roupas que lavava e da comida que cozinhava para os patrões. Vivendo em uma realidade que nem se ouvia falar da pílula, ela engravidou. A sogra já lhe adorava e Eliésio Filho seria o pretexto que faltava para o casamento. Mas ela não era a única Raimunda que acreditava ser dona do coração do violeiro. Com o anúncio da gravidez ela descobriu que o namorado estava noivo de outra, que também se chamava Raimunda, com quem iria se casar.

A gravidez da namorada não dissuadiu Eliésio de sua escolha. Ele terminou a relação com Raimunda que, à medida que a barriga crescia, teve que acostumar-se com os olhares de desprezo e de reprovação dos vizinhos. Aos nove meses de gravidez, ela ainda não se conformara em ser mãe solteira e enquanto se lamentava pela traição foi surpreendida pelo canto de Eliésio.

– Era a noite do casamento dele, enquanto ele se casava com a outra, eu ouvia a voz dele entrando na minha casa. Eu ouvia ele cantando para a futura esposa e eu chorei muito, me acabei de chorar.

O local do casamento era próximo demais da casa de Maria, irmã com quem Raimunda ainda morava, e por isso foi possível que ela ouvisse a troca de votos entre os noivos. O choro de Raimunda só foi interrompido por batidas na porta. Como ela estava sozinha em casa, sentiu-se obrigada a abrir a porta, pois poderia ser Maria que tivesse esquecido a chave. Mas quem apareceu diante dela foi Eliésio.

– Ele largou a noiva na festa e foi na minha casa, foi dizer que era apaixonado por mim. Disse que teve que se casar com a outra porque os irmãos dela eram valentes e ameaçaram matar ele se não casasse.

Covarde!

Covarde e medroso o bastante para fugir da reação que suas palavras causaram. Naquela noite Raimunda não dormiu. Chorou até suas lágrimas não caírem mais e começou a sentir algo molhado entre as pernas. Estava sangrando. A irmã levou-a as pressas para o hospital, passaram a madrugada em claro e quando finalmente a criança nasceu só ouviram silêncio.

– Meu filho nasceu morto por causa da tristeza que eu tomei. Eu chorei feito uma louca por culpa dele. Foi ele quem matou meu filho.

As palavras fortes fizeram-me entender a gravidade do seu sentimento, mesmo sem conseguir compartilhá-lo. Assim pude perceber o prazer vingativo que suas palavras e expressões revelaram quando me contou que a outra Raimunda havia abandonado o bigamo após a lua de mel. Depois disso ele tornara-se alcoólatra. O que ela soube foi que até o dia em que morreu Eliésio viveu solitário.

*

Em mais de uma conversa, depois do episódio Eliésio, tentei entender qual geografia tinha preenchido o caminho de Dona Raimunda após a desilusão. As fronteiras do Piauí se confundiram com o interior do Maranhão e algumas vezes com Fortaleza. A única certeza era o destino final: a Bahia. Antes disso, entre longos passeios de barco e demoradas viagens na estrada, apareciam algumas lembranças nítidas, como quando Raimunda saiu da casa de Maria e foi trabalhar em um restaurante de outra irmã. Ela cozinhou, limpou e serviu aos clientes que a irmã trazia e apresentava como amigos. Enquanto Raimunda anotava pedidos, a

dona do negócio fazia as vezes de anfitriã. A submissão deixou de ser um sentimento reprimido por Raimunda e tornou-se clara para qualquer um que frequentasse o local. Foi no período do carnaval, antes de completar um ano naquele emprego, que ela deu um basta à situação.

– Durante os dias da festa ela ficava com o namorado e as amigas bebendo cerveja no restaurante e queria que eu fosse servir todo mundo. Aí eu briguei e disse a ela: da onde eu saí você também saiu, porque que eu vou ser sua empregada? Arrumei minhas coisas e fui embora.

Raimunda foi cozinhar na pensão/restaurante de Maria do Cabelão. Ela tinha esse nome pelo motivo rapidamente imaginado: um cabelo tão comprido que ultrapassava o glúteo. Trabalhou lá em troca de um lugar para morar. Mas pouco se demorou, pois Cabelão tinha uma conhecida na Bahia, dona de um estabelecimento semelhante ao seu, que precisava mais do que ela de uma ajudante. Como Raimunda foi a última a ser contratada, a patroa ofereceu-lhe a oportunidade em terras baianas.

Foi assim que a história de Dona Raimunda finalmente chegou aqui. É possível que a cidade do seu destino tenha sido Jequié, ou outro interior onde se criava gado nas fazendas e as plantações da roça cresciam a perder de vista. O que parece certo pelas recordações dela é que o trabalho no restaurante não vingou. Quando se apresentou como a moça indicada por Maria do Cabelão ninguém pareceu conhecer tal figura. Quem deveria esperar por ela não trabalhava mais ali, havia vendido o estabelecimento e ido sabe-se lá para onde. Não importava o quanto Raimunda quisesse demonstrar que era boa cozinheira, a nova dona não estava interessada. Mesmo assim, deixou que ficasse em troca do que trazia na bagagem.

– Eu tive que dar a ela os lençóis bonitos, bordados, que herdei de minha mãe. Dei quase tudo que tinha pra poder dormir lá.

Com a mala quase vazia encontrou emprego na residência de dois idosos que moravam naquela cidade.

– Seu Fernandês e Dona Preciosa eram da família dos Fernandês, donos de muita coisa, você conheceu?

– Não, acho que não.

Minha negativa não inibe o fluxo das memórias.

– Eles já eram velhinhos quando eu cheguei para fazer a comida deles. Não eram brasileiros. Falavam difícil, a fala deles era diferente da nossa, e comiam muita sopa.

Somos interrompidas por uma funcionária sorridente e simpática:

– Boa tarde. Olha seu prato aqui, Vera.

Era uma das assistentes da casa que chegou para trazer o almoço de Dona Raimunda. O prato do dia era arroz, carne moída e alguns legumes coloridos. Ela recebeu o prato, agradeceu e colocou em cima da cadeira a sua frente.

– A senhora quer que eu pare de fazer perguntas para que você possa comer?

– Pode continuar falando, eu não gosto da comida daqui. O que você quer saber?

É por já ter cozinhado os mais diferentes pratos que hoje recla-

ma da comida que lhe servem, diz que sabe fazer muito melhor. É a última a comer. Trazem o prato ao seu quarto, pois ela não gosta de sentar a mesa com as outras idosas e prefere a companhia do som baixo de sua TV. Lembra que quando era jovem cozinhar foi o seu sustento e, por isso, todos os dias encontra algo para desaprovar nas escolhas da cozinheira. Como é de se esperar para alguém que construiu parte de sua história no litoral, é doida por peixe, siri, caranguejo e camarão. Gostos difíceis de serem satisfeitos por uma cozinha que tem de servir a muitos, especialmente aos que necessitam de uma alimentação restritiva. Como disse não se incomodar, continuamos a história da casa dos tais Fernandês.

– Foi lá que achei meu esposo José Vieira dos Santos. Era filho de criação do dono da casa.

José cuidava da roça e era a pessoa de confiança dos patrões. Mais baixo que Raimunda e seis anos mais novo, esses foram detalhes que não impediram o casal de morar junto logo no início do namoro. Ele colocava a mesa do café da manhã e cuidava dos afazeres domésticos por ela.

– Eu pensei: não vou deixar esse homem escapar!

E não deixou mesmo, pouco tempo depois foram ao Fórum oficializar a união. Com o casamento, decidiram que não podiam mais viver na propriedade do patrão, precisavam de uma casa que pertencesse apenas a eles. Foi quando vieram para Salvador e compraram uma casa de andar no Alto da Terezinha. Ou talvez tenha sido em Plataforma e uma vez Dona Raimunda chegou a me dizer que foi em Cosme de Farias. Essas denominações dos locais aparecem comumente confusas e misturadas, diferentes de outros fatos que ela me conta, como a história da adoção de sua filha, que ouvi da mesma maneira por, pelo menos, três vezes.

“Um dia você entende que ficou velha”

É a quarta vez que visito o asilo. Como de costume, chego em busca de Dona Raimunda para continuar nossas conversas e encontro-a em seu quarto. Ela está sentada no meio da cama, pintando as unhas. A cama que fica ao lado dela está vazia, e eu pergunto o que aconteceu com a senhora que dormia ali. Dona Raimunda me diz que o nome da senhora é Mercedes, e que a mudaram de quarto. Pergunta se quero vê-la, e aceito a oferta.

Enquanto caminhamos até o quarto que fica no corredor oposto ao que estávamos, lembro-me que, da primeira vez que entrei no quarto de Dona Raimunda, ela queixou-se da moradora. As palavras que encontrei em gravações mais antigas foram:

– Essa mulher já estava aqui quando eu cheguei. Não faz nada, só fica deitada. Essa daí é triste por ela mesma.

Chegamos ao quarto. Este é maior que o anterior e com quase o dobro de camas, ao todo eram oito. Assim que entramos, as duas começaram a discutir. Dos dois lados, ouviam-se reclamações. Desde que mudaram Mercedes, há mais de uma semana, Dona Raimunda não havia ido visitá-la, e a senhora queixava-se que, ao me acompanhar, Raimunda aparecia perguntando como ela estava como se a relação das duas estivesse bem. Mas o período em que estive no novo quarto sem visitas de Raimunda incomodava Mercedes, ela considerava aquilo um ato de ingratidão. A acusada de negligência retrucava que Mercedes era gente ruim e não a visitava porque ela é que era ingrata, só sabia reclamar. Um conflito que claramente havia se iniciado muito antes daquela troca de quar-

tos, e que, por ora, encerrou-se depois de breves acusações mal criadas.

Voltamos para o quarto de Dona Raimunda. Eu tinha algumas perguntas para lhe fazer sobre situações do seu passado que não ficaram claras. Mas, naquele dia, ela estava mais interessada no presente.

– Minha filha ligou, estou na maior felicidade. Quando me falaram: “sua filha quer falar com você”, eu fiquei toda agitada. Corria de lá para cá antes de atender ao telefone.

Era a segunda vez que Jayne ligava em dois meses. A filha e os netos eram a única família que lhe restou depois que o marido morreu.

– Meus irmãos nem sei se ainda estão vivos, porque eu, que era a mais nova, já estou velha assim. Imagine eles?

José foi seu último homem. Ficou viúva antes dos 50 anos, pelo que me conta, e poderia ter se casado outra vez, mas preferiu apenas cuidar da filha, que ficava órfã de pai antes da maioridade. Ainda conserva no dedo a aliança, mas só uma.

– Só tiram de mim quando eu morrer, mas não entendo isso de usar a aliança do marido. Se era dele e ele morreu, pra que eu vou usar? A morte dele foi uma grande perda pra mim. Você sabe como ele morreu? Saiu pra comprar o bujão de gás, com o carrinho de mão, e não voltou. Disseram que teve um acidente, um caminhão bateu no carrinho, o bujão voou e bateu na cabeça dele.

– Quem lhe contou esta história?

– Um vizinho veio falar comigo, mas eu já sabia. Quando ele demorou de voltar pra casa, eu senti que tinha perdido José.

A antecipação do sentimento de perda pode ter sido o que guardou as lágrimas da viúva.

– Eu só chorei muito tempo depois. Um dia, quando abri o guarda roupa e vi as camisas dele, as roupas que ele usava para ir à igreja, não aguentei e passei horas chorando. Mas depois que morre, a gente tenta esquecer, não vai dar jeito, ele não vai voltar.

Voltamos para o presente, para a ligação de Jayne, e para a lembrança dos netinhos gritando vovó. Raramente Dona Raimunda me falava da filha sem contar que a havia salvo quando ainda estava na barriga da mãe. O passado de perdas lhe roubou o direito de engravidar, e já estava conformada com a vida a dois quando soube que sua vizinha, mãe de outros quatro, estava grávida novamente. Para Dona Raimunda, a mulher não tinha sorte, pois não era casada, e parecia que pegava barriga de todo homem com quem se deitava. Mais um filho seria demais, e ela estava decidida a tomar algum remédio para causar um aborto. Quando confidenciou o plano a Raimunda, esta interviu. Decidiu que cuidaria da vizinha durante a gravidez e criaria a criança que nascesse como sua filha.

No início, José foi contra. Disse que era maluquice criar a filha de outra pessoa, mas ela argumentou que, já que eles não podiam ter um filho deles, criariam a criança. O argumento não convenceu José, tampouco Raimunda desistiu do bebê. Poucos dias após o nascimento, ela foi buscar o bebê e descobriu que seria mãe de uma menina. José derreteu-se ao ver Jayne pela primeira vez, divertindo-se com o riso cheio de caretas da recém-nascida, ele chamou-a de filha.

*

– Como a gente entende que envelheceu?

– A gente sabe. Quando você deixou de ser criança e virou moça, você não entendeu que tinha mudado? É assim, é como passar de criança pra adulto.

Perguntei se gostava de ser chamada de idosa, e me respondeu que não se importava, era o que era, afinal.

– Eu sou de idade, uma senhora de idade. Sou idosa, velho é o mundo.

– Posso tirar uma foto sua antes de ir embora?

– Você traz a foto pra mim? Tem uma moça que tirou foto minha, disse que ia trazer e nunca voltou.

– Eu revelo e trago na próxima vez que vier aqui.

Tirei algumas fotos dela sentada em sua cama, mostrei no visor da câmera e perguntei se havia gostado.

– Ah, velho não fica bonito em foto não...

